

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

Tambores do Paranoá:

Um estudo etnográfico sobre uma associação voluntária.

Carla Valero Barbosa

Brasília/ DF, Abril de 2015

Carla Valero Barbosa

Tambores do Paranoá:

Um estudo etnográfico sobre uma associação voluntária.

Monografia apresentada ao Departamento
de Antropologia da Universidade de
Brasília como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Professora Dra. Juliana Braz Dias

Brasília/ DF, Abril de 2015

Agradecimentos

Agradeço à Professora Juliana Braz Dias pela orientação e dedicação prestada, pelas palavras que me transmitiram segurança e persistência, e principalmente por ter relevante participação na realização deste momento que traz tanto significado e alegria para minha vida.

Agradeço imensamente à minha família, aos meus pais Laura Valero e Luiz Fenelon que tanto me apoiaram em todos os âmbitos da minha vida, por tornarem viável o meu ingresso nesta Universidade, por me fornecerem todo o suporte necessário para a permanência e conclusão deste curso e muito mais. Os agradeço também pela atenção, cuidado e amor em abundância que recebi na minha formação como pessoa.

Agradeço às minhas irmãs, Irene Valero e Patrícia Valero por serem para mim exemplares referências morais e éticas e pela incomensurável alegria que inunda todos os meus dias desde antes do nascimento dos meus sobrinhos Yago e Gustavo, à eles por suas respectivas existências. Agradeço à Patricia também pelo empréstimo por mais de um ano do seu computador particular, sem o uso deste certamente este trabalho teria outras tantas complicações, obrigada por sua enorme generosidade.

Também agradeço alegremente ao meu companheiro Edson Soares por todo apoio emocional, incentivo e momentos de alegria durante um período tão conturbado.

Aos integrantes do Tamnoá, Randal de Andrade, Ivonete Ferreira, Gutemberg de Oliveira, Raimundo Ribeiro, Dougras dos Anjos, Thiago Pereira, Carlos Marques, Ana Paula, Alex Oliveira, Patricia Silva, Josivaldo Romão, Erica Kroon, por suas contribuições para a produção do material utilizado na pesquisa, pela confiança e amizade.

Aos Professores do departamento de Antropologia da Universidade de Brasília Carla Teixeira, Daniel Simião, Guilherme da Silva e Sá, José Jorge de Carvalho, Soraya Fleischer, e aos Professores do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Ana Cristina Collares, Mariza Veloso Santos, Haydée Caruso, Fabrício Neves, Luís Gusmão, Michelangelo Trigueiro, Marcelo Rosa pela minha formação acadêmica, recomendações de leituras e atenção para com os meus questionamentos.

Ao Professor Trajano por aceitar constituir mesa para minha defesa.

Agradeço também à Administração Regional do Paranoá, ao Centro de Ensino Fundamenta 01 do Paranoá e ao Centro de Orientação Socioeducativa (COSE) pelo

atendimento, atenção e fornecimento das informações solicitadas.

Aos amigos que fiz durante esse percurso acadêmico, os quais pretendo acompanhar por toda a vida, Letícia Almeida, Camila Borges, Cecília Leite e Edi Alves.

Boa leitura!

Resumo

As associações voluntárias são uma ferramenta amplamente utilizada pela sociedade civil em situações de desarticulação social que sugerem o fortalecimento de noções de identidade. Este trabalho é um estudo de caso que visa compreender em qual medida a prática de uma manifestação cultural popular brasileira promove a associação voluntária de pessoas. E decorrente dessa situação, esta pesquisa aponta indicadores sobre as consequências observáveis do processo associativo por meio da socialização entre as pessoas envolvidas. Para tanto foi selecionado como unidade de análise a "Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá _ Tamnoá" que é um grupo artístico cultural que pratica o Maracatu de Baque Virado por meio de ensaios abertos e regulares.

Palavras-Chave: Maracatu de Baque Virado, Associação Voluntária, Tamnoá, Socialização, Identidade Cultural, Cultura Popular.

Abstract

The voluntary associations are instruments widely used by civil society in dislocated social situations which results in their stronger identity notions. This study focus on indicating the average that a Cultural Popular Manifestation, when practiced , is capable of providing the voluntary associations among people. As a reaction of this practice, the research points out indications upon observable consequences during the associative process throughout the socialization found in those involved. Therefore, the "Orgaização Cultura e Ambiental Tambores do Paranoá-Tamnoá" has been selected as an unit to be analyzed . The organization is an artistic cultural group that practices the Maracatu de Baque Virado through open and regular rehearsals.

Key-words: Maracatu de Baque Virado, Voluntary Association, Tamnoá, Socialization, Cultural Identity, Popular Culture.

*"Zoou, zoou,
zoou nossos tambores, zoou
Zoou na batida do Trovão, zoou no Malê
Zoou na batida do Trovão, zoou no Malê
Zoou, zoou,
zoou nossos tambores, zoou
Zoou na igreja de São Geraldo, zoou no Coreto
Zoou na igreja de São Geraldo, zoou no Coreto
Zoou, zoou,
zoou nossos tambores, zoou
Zoou no Quilombo do Ganzuá, zoou no Tamnoá
Zoou no Quilombo do Ganzuá, zoou no Tamnoá
Zoou, zoou,
zoou nossos tambores, zoou".*

Glossário

GDF _ Governo do Distrito Federal.

RA _ Região Administrativa.

Tamnoá _ Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá _ Tamnoá.

NCMC _ Núcleo de Capoeiragem Movimento Cultural.

Sumário

1.Introdução.....	10
1.1.Apresentação.....	10
1.2.Metodologia.....	12
2. Histórico do Tamnoá.....	15
2.1. Histórico da Região.....	15
2.2. Histórico do Tamnoá.....	17
3. Tamnoá Atualmente.....	24
3.1. Os Instrumentos.....	24
3.2. Os Ensaios.....	27
3.3. Organização e finalidade.....	30
3.4. O Tamnoá e a preocupação ambiental.....	33
3.5. A temporalidade do grupo e seu caráter associativo.....	34
4. Alcance do Tamnoá: parcerias, apresentação dos membros e eventos.....	36
4.1 Parcerias.....	36
4.2. Apresentação dos membros.....	44
4.3. Eventos.....	48
5. Pré Carnaval e Carnaval do Tamnoá 2014.....	52
5.1. Pré - Carnaval do Tamnoá.....	52
5.2. Carnaval do Tamnoá.....	55
5.3. Tamnoá em Recife.....	63
6. Reflexões a partir de uma associação voluntária.....	64
6.1. O Universo do Tamnoá.....	65
6.2. O Vínculo pelo Tambor.....	69
6.3. Fluxos e Redes.....	73
6.4. Entre Amigos.....	75
7. Conclusões.....	78

8. Bibliografia.....	81
-----------------------------	-----------

Introdução

Este trabalho é o resultado de um estudo de caso sobre uma associação voluntária que atua em torno da prática e do ensino de Maracatu no Paranoá (Distrito Federal), de nome "Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá – Tamnoá". Com foco nesta associação, foram investigadas as relações construídas entre os próprios integrantes, assim como entre as pessoas que, de diversas formas, interagem com o grupo artístico-cultural em questão. Trata-se de fenômenos sociais de interesse para a Antropologia, decorrentes do convívio continuado e voluntário, cuja justificativa evidente é a prática de uma expressão da cultura popular brasileira.

Esta questão se faz relevante a partir da consideração de que a associação e o convívio gerado pela mesma promovem novos aprendizados decorrentes de vivências e transmissão de saberes tradicionais por meio não formal. Disto resulta a adaptação e a apropriação, pelas pessoas envolvidas, de diferentes comportamentos, a assimilação de simbologias próprias ao grupo, a criação de um sentimento de pertencimento a uma coletividade, além de meios específicos para contornar as divergências e os conflitos inerentes às relações sociais.

Uma vez entendido que os seres humanos se expressam tanto por palavras quanto por gestos, olhares e silêncios, busquei observar e analisar igualmente os discursos e os comportamentos assumidos pelos interlocutores frente a cada questão abordada. A finalidade era compreender e interpretar os processos de sociabilidade por meio do convívio de pessoas diferentes, unidas por um mesmo objetivo que é a prática do Maracatu em encontros promovidos por uma associação voluntária que será chamada ao longo deste trabalho de Tamnoá.

O Tamnoá é uma organização que está presente e atuante no Paranoá há 14 anos, com ensaios abertos regulares e apresentações frequentes, tanto no Paranoá quanto em diversos outros pontos de Brasília. O Tamnoá é considerado pelos seus membros um grupo artístico-cultural que visa a promoção e o fortalecimento da cultura popular de origem nordestina, principalmente na região onde atua por meio da prática do Maracatu de Baque Virado. Cabe ressaltar neste ponto que existem dois diferentes tipos de Maracatus em Recife atualmente, práticas estas que recebem a mesma denominação ainda que sejam diferenciadas em muitos outros aspectos, como a musicalidade, a variedade dos instrumentos musicais admitidos, a dramatização dos personagens

durante o cortejo, entre outros. Apresentam, contudo, pontos em comum como a valorização do carnaval, o simbolismo do tambor e a legitimação da prática sob o argumento da tradição. Refiro-me ao Maracatu de Baque Virado e ao Maracatu de Baque Solto.

Há outra questão sobre a prática do Maracatu que merece ser mencionada. Trata-se da diferenciação entre um grupo que se identifique como uma "Nação de Maracatu" e um grupo percussivo ou artístico-cultural de Maracatu. Uma reflexão sobre tal diferenciação poderia render grande discussão. Como o intuito é não distrair do foco da temática trabalhada a seguir, cabe elucidar, em breves palavras e por meio de uma análise superficial, que todo grupo pernambucano que se reconheça e seja reconhecido por "Nação" tem um vínculo com a religiosidade de matriz africana em sua tradição. Enquanto os grupos artísticos e percussivos podem existir coerentemente desvinculados ao componente de uma religiosidade.

Optei por não trazer uma descrição detalhada do Maracatu pernambucano, uma vez que já foi extensivamente apresentado em outros trabalhos, como por exemplo nas obras de Katarina Real (1990), e outros.

Tendo em vista isso, importa ressaltar que o Tamnoá se reconhece como um grupo artístico-cultural que pratica o ritmo de Maracatu de Baque Virado.

As inquietações que inspiraram o desenvolvimento deste trabalho foram referentes ao questionamento sobre a possibilidade das práticas culturais em torno do Maracatu promoverem a associação voluntária de pessoas. Decorrente disso, coube refletir sobre as consequências observáveis dos processo associativos. Por fim, guiou o presente estudo uma preocupação de fundo sobre o possível diferencial do Paranoá nesse processo.

Metodologia

Este trabalho etnográfico foi viabilizado por meio do uso do método de observação participante para realizar os registros das atividades de rotina da associação estudada. Junto com o diário de campo elaborado foram analisados também 12 questionários semiestruturados, aplicados em dois dias durante o ensaio, e 5 entrevistas. Destas, 4 foram feitas com membros ativos do Tamnoá à época da pesquisa de campo, e 1 com uma pessoa que até pouco tempo participava da diretoria do Tamnoá e tinha saído por motivos pessoais. A primeira entrevista aconteceu no dia 16/04/2014 e a última no dia 29/10/2014. Também foram realizadas entrevistas em 4 instituições governamentais, sendo estas a Administração Regional do Paranoá, e outras 3 instituições com as quais o Tamnoá já trabalhou em parceria.

Busquei desenvolver, em um primeiro momento, o questionamento acerca dos processos associativos decorrentes de práticas relacionadas à cultura popular. Para tanto, foi escolhida a "Organização Artístico Cultural Tambores do Paranoá – Tamnoá". Esta escolha foi plausível por ser um grupo criado a partir da associação voluntária de pessoas, majoritariamente de uma mesma comunidade, em torno de uma mesma prática cultural, que é o ensaio de Maracatu de Baque Virado.

Outros elementos relevantes para a escolha da unidade de análise foram a praticidade no trabalho de campo, pois o local de ensaio do grupo selecionado fica a certa proximidade da minha casa, o que viabilizaria os encontros que foram registrados em diários de campo, o conhecimento prévio da existência dessa associação, somado à percepção do encaixe desta com a proposta inicial tida para a realização deste trabalho.

Em um segundo momento da pesquisa passei a trabalhar as consequências observáveis nas relações sociais, principalmente entre as pessoas envolvidas, decorrentes do associativismo cultural e do convívio em função do mesmo. Foi percebido ao longo do desenvolvimento do trabalho que o convívio continuado entre as pessoas promove o compartilhamento de diversas experiências e sensações, inclusive emocionais, como por exemplo, alegrias, decepções, frustrações, satisfações, entre tantas outras que permitem o surgimento de fenômenos sociais de interesse antropológico.

Para tanto, foi entendido como premissa o caráter dinâmico das relações sociais, ou seja, é considerado que todas e quaisquer relações sociais implicam mutações ao longo do tempo e também pressupõem alterações no sentir e expressar subjetivo ao indivíduo. Não pretendo contudo explorar a totalidade das alternativas presentes na

complexa tarefa quando se estudam as relações sociais, e sim realizar um estudo que satisfaça a proposta em questão.

Houve alguns acontecimentos durante o período desta pesquisa que podem ser percebidos como vantagens, no sentido que somaram ao conteúdo analisado e que não foram propositais ou previsíveis. Foi percebido como vantajoso o fato de o carnaval, e consequentemente toda a celebração promovida pelo Tamnoá, acontecer no mesmo período destinado a coleta de dados por meio da pesquisa de campo. O ano de realização da pesquisa foi o primeiro ano que o Tamnoá conseguiu levar parte dos integrantes para fazer uma vivência no carnaval em Pernambuco, que é considerado o berço do maracatu do Brasil, o que proporcionou debates e comparações sobre as diferenças da prática do maracatu em diferentes regiões. Também aconteceu a transferência do local de sede, que assim como qualquer transformação permite ver as coisas sob outra perspectiva, gera mudanças conjunturais e enaltece discursos que refletem muitas das questões internalizadas ao grupo.

Cabe acrescentar que eu já havia participado de algumas atividades junto ao grupo antes da escolha deste como alvo de estudo, e posteriormente à definição da unidade de análise segui envolvida com as atividades na condição de pesquisadora. Esse fato foi comunicado aos demais integrantes e recebido com acolhimento. Houve ensaios em que participei com olhar atento ao estranhamento de tudo que parecesse obvio, fazendo registros sobre minhas percepções e sobre comentários que me chamassem a atenção ou que eu julgasse pertinente a partir de um raciocínio mental.

Conheci o Tamnoá a partir de conversas com os "camaradas" dos treinos de capoeira e procurei presenciar um de seus ensaios. O envolvimento do Tamnoá é tão forte que quando me dei conta, quase sem perceber, já estava com um instrumento na mão tentando acompanhar o ritmo executado pelo Tamnoá.

Passei a acompanhar os encontros sempre que possível, o que não acontecia todas as vezes, e passei a perceber e pensar sobre o caráter inclusivo das práticas culturais. Essa motivação inicial teve origem tanto pela percepção sobre o trabalho do Tamnoá quanto pelas observações e reflexões levantadas no âmbito da capoeira, prática esta na qual já estou inserida desde 1999. Assim busquei refinar essa motivação inicial em formato intuitivo para uma abordagem passível de ser analisada com o uso de ferramentas antropológicas. E cheguei a questionamentos sobre a concepção associativa das práticas culturais e achei pertinente aprofundar a abordagem para as consequências

desse processo social uma vez observado. A partir desse percurso mental cheguei na formulação do projeto nos moldes apresentados por meio desta etnografia.

As vantagens percebidas desse processo de observação participante foi a confiança em mim atribuída pelos demais integrantes para tratar que questões de nível íntimo como envolvimento emocional, alegrias, dores, projetos, etc. Em contrapartida uma observação nesse processo, claramente desvantajosa para o desenvolvimento da pesquisa, foram as recorrentes prorrogações e cancelamentos de entrevistas previamente agendadas.

Assim, busquei desenvolver um trabalho na área da Antropologia Social, fazendo uso do método de observação participante. Realizei uma pesquisa etnográfica que visa destacar e compreender os fenômenos sociais decorrentes de uma associação voluntária específica que tem como finalidade o desenvolvimento artístico-cultural da comunidade na qual está inserida.

Tais questões são apresentadas a seguir, organizadas em cinco capítulos.

O primeiro capítulo abordará o histórico da organização, como foi concebida, algumas etapas cruciais no seu desenvolvimento até a configuração atual.

O segundo capítulo visa situar o Tamnoá na atualidade, abordando questões quanto à organização, rotina, atividades desenvolvidas assim como os fundamentos das ações empreendidas.

O terceiro capítulo visa situar o alcance do Tamnoá, para tanto será abordado as parcerias, os eventos e alguns dos integrantes.

O quarto capítulo abordará o grande evento do Tamnoá, nesse capítulo será descrito o Pré-Carnaval e o Carnaval do Tamnoá no ano de 2014.

O quinto e último capítulo deste trabalho trará reflexões pertinentes ao processo de socialização analisadas no decorrer da elaboração da pesquisa.

Histórico do Tamnoá

Este capítulo visa apresentar o histórico de um grupo artístico que ganhou o nome de "Tamnoá – Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá". O objetivo é trazer elementos, a partir da descrição da história da constituição do grupo e de sua rotina, que sejam úteis a uma posterior análise das relações sociais decorrentes do convívio entre as pessoas que participam das práticas culturais em parceria com o Tamnoá.

Uma boa descrição sobre o grupo exige uma contextualização do mesmo, assim que, para apresentar o Tamnoá, proponho apresentar primeiramente a região onde o Tamnoá foi concebido e pode ser encontrado até hoje, pontuando algumas questões relevantes às reflexões sobre o tema.

Histórico da Região

O Distrito Federal é constituído por vários núcleos urbanos que são reconhecidos como Regiões Administrativas (RA's). O Paranoá é a RA VII e teve sua origem em 1957, de acordo com os registros oficiais. O motivo do povoamento da região naquela época foi a construção da atual barragem do Lago Paranoá. Os trabalhadores do canteiro de obras da Barragem do Paranoá permaneciam no local durante todo o processo de construção, como é de praxe das mega obras (Ribeiro, 1989) Assim, esses trabalhadores constituíram a primeira comunidade que posteriormente seria reconhecida como 1ª Vila Paranoá. À época da inauguração de Brasília, em 1960, essa comunidade alcançava aproximadamente 3.000 (três mil) habitantes. Estima-se que essas pessoas moravam em barracos assentados ao norte da barragem.

Sobre a fundação da Região Administrativa, tem-se no site do GDF:

A Região Administrativa do Paranoá foi criada em 10 de dezembro de 1964, através da Lei 4.545, porém, somente em 25 de outubro de 1989, o Decreto nº 11.921 fixou os novos limites da Região Administrativa (RA-VII). Nesse mesmo ano, iniciou-se a transferência e o assentamento definitivo do Paranoá.

Com o objetivo de preservar o espaço do antigo acampamento da Vila, o local tornou-se

área de preservação ambiental, hoje o Parque Urbano Vivencial. Do Paranoá Velho, ficaram algumas estruturas públicas, dentre elas a caixa d'água e a escadaria da Igreja São Geraldo, construída em 1957 – a segunda igreja mais antiga do Distrito Federal – tombada pela Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (DePHA), em 27 de outubro de 1993, e demolida em 2005 por problemas estruturais. (<http://www.paranoa.df.gov.br/>).

A tal descrição, vale contrapor as memórias dos próprios habitantes. É o caso das narrativas de Maria¹ que me concedeu uma rica entrevista sobre a rotina dos moradores do Paranoá em meados da década de 1970. Esse relato é relevante na medida que expressa o histórico da região que atualmente abarca as atividades do Tamnoá. Maria é uma funcionária da Administração Regional do Paranoá e é moradora da região desde 1969. Ela relata que nos primeiros anos desde que se mudou, o Paranoá quase não tinha serviços públicos para oferecer à população. Não existia saneamento básico, as casas não dispunham de água encanada nem de luz elétrica, as pessoas trabalhavam com fogo de vela e a comida era preparada em fogão improvisado com latas e outros recursos. As mulheres da comunidade se reuniam para descer juntas até a beira do lago com as crianças para lavar as roupas da família e aproveitavam para dar banho nas crianças com a própria água do lago. Para ter água em casa era necessário carregá-la nas costas, em recipientes muitas vezes improvisados com pneus de carro velhos, desde a margem do lago até as respectivas casas.

No Paranoá havia uma única escola, não havia hospital nem posto de saúde. Para qualquer eventualidade, era necessário caminhar até o posto da polícia, cuja estrutura não passava de um quartinho, e de lá o oficial passava um rádio solicitando uma ambulância que encaminhava a demanda para o Hospital de Base. Os filhos de toda a comunidade eram criados pela vizinhança, o que na época dava segurança para as mães que precisavam sair enquanto seus maridos trabalhavam fora, pois sabiam que seus vizinhos alimentariam e cuidariam dos filhos até que os pais voltassem.

Outro aspecto que vale ressaltar nessa fala é que, para todas as conquistas que somassem à vida social da comunidade, é atribuída a responsabilidade às lideranças comunitárias e à própria comunidade uma vez organizada. "Uma comunidade muda se quiser" – esta frase foi pronunciada em meio a relatos sobre os protestos feitos pelos moradores do Paranoá às autoridades governamentais, gerando várias melhorias.

¹ Nome fictício com finalidade de preservar a identidade do informante.

O Paranoá, atualmente, é um bairro que é cortado ao meio por uma avenida, chamada de Principal.



(Figura 01, avenida central do Paranoá, imagem do google.)

Ademais da Principal, há também outra avenida bastante movimentada, que recebe o nome de Transversal. As residências se localizam atrás e por toda a extensão da Principal, no dois sentidos. Atualmente pode-se perceber a implementação, tanto no Paranoá quanto em vários outros locais de Brasília, de Pontos de Encontro Comunitários (PEC).

Aproximadamente 45.000 (quarenta e cinco mil) habitantes na área urbana e 20.000 (vinte mil) habitantes na área rural compõem a totalidade da população na Região Administrativa VII. O Paranoá atualmente conta com 14 escolas públicas na área urbana e 14 escolas públicas na área rural².

Histórico do Tamnoá

Apresento agora os eventos que culminaram na constituição do grupo artístico de percussão, cuja denominação atribuída foi Tamnoá – Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá. Para tanto, contei com as informações obtidas a partir de entrevista com membros fundadores do grupo, além das observações registradas em diário de campo.

O Tamnoá começou com uma associação de pessoas que se reuniam regularmente com o propósito de tocar maracatu em Brasília. Os ensaios aconteciam, e sempre aconteceram, mais especificamente no Paranoá. Assim como todas as associações, esta também tem uma história e um contexto que contribuem para o entendimento tanto dos processos, quanto da organização atual do Tamnoá.

No Paranoá, assim como em outras Regiões Administrativas de Brasília, existia um espaço, *Picasso não Pichava*, destinado a projetos sociais voltados para o ensino de artes, seja música ou técnicas de desenho. Por volta do ano 2000, dois artistas de Brasília de nomes Junai e Caju ministravam oficinas de lutheria no *Picasso não*

² Esses dados foram retirados a partir de entrevista com funcionários da Administração Sede do Paranoá e a partir da pesquisa publicada pelo codeplan, IPCA 2013
<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioeconômicas/PDAD/2013/PDADParanoá.pdf>.

Pichava do Paranoá. Essa oficina visava a construção de tambores e outros instrumentos musicais que ficariam com os alunos após o término da proposta. Além das técnicas de construção, os alunos também aprendiam alguns toques.

O Junai já tinha experiência com o Maracatu, ritmo de raiz pernambucana, e por vezes tocava com um rapaz de nome Randal. Devido à amizade e ao interesse comum por toques e tambores, o Junai convidou o Randal para participar em um dia de oficina no *Picasso não Pichava*, e assim o Randal conheceu os alunos e o projeto. Ao final das aulas previstas, os alunos permaneciam com vontade de continuar aprendendo novos ritmos. Frente a esse quadro, de aproximadamente 10 crianças e jovens interessados em aprender a tocar tambor e alguns instrumentos à disposição, o Randal propôs a realização de ensaios abertos.

No início, não era especificamente Maracatu o ritmo dos ensaios, mas por causa de alguns fatores como a paixão do Randal por esse ritmo pernambucano e a popularização do Mangue Beat, que fez grande sucesso na década de 90 e em 2000 alcançava seu auge, o Maracatu foi se tornando a prática mais recorrente durante os ensaios desse grupo.

Os ensaios de Maracatu aconteciam em uma área aberta no Parque Vivencial do Paranoá, sob regência do Randal, e eram autônomos, no sentido de que não eram vinculados a nenhum projeto social ou a nenhuma instituição educacional. Eles aconteciam e continuam acontecendo hoje, ainda que em uma conjuntura diferenciada como veremos a seguir, pelo puro prazer de tocar tambor e compartilhar saberes.

Os ensaios assumiram, então, a regularidade semanal. A característica de serem abertos também atraía a atenção dos curiosos que por vezes se tornavam novos membros. Nessa época eles ensaiavam várias loas³. Desenvolveram experiência com o trato dos tambores, ou seja, na manutenção, confecção e afinação, que são procedimentos bastante peculiares a cada tipo de tambor. Aqui nos referimos às alfaias⁴ como o tambor específico para o Maracatu. Tal período é lembrado como um tempo de muito aprendizado, muitas experiências produtivas ao desenvolvimento do ritmo e do grupo, mas também pelas dificuldades enfrentadas, principalmente pela falta de estrutura.

Como foi apontado, os ensaios aconteciam em área aberta e eram abertos também para quem quisesse se aproximar e aprender a tocar, característica que

³ são as canções letradas de Maracatu

⁴ denominação de tambor típico da prática de Maracatu.

permanece até hoje. A cada ensaio existe o potencial de recrutarem novos membros. Em contrapartida, por não haver qualquer tipo de acordo de permanência ou fidelidade, as pessoas frequentam os ensaios ao próprio critério, existindo assim a possibilidade de se distanciarem e se aproximarem novamente após qualquer período de tempo. Não pode-se portanto estipular uma quantidade específica de integrantes nem mesmo prever quantas pessoas irão a cada ensaio. Só é possível identificar as pessoas que são mais assíduas.

Apesar desse caráter transitório dos integrantes nos ensaios de Maracatu no Paranoá, o Randal, que propôs os encontros em torno da música como uma meio de manifestar a cultura popular brasileira, definiu em entrevista realizada para esta pesquisa três turmas diferentes, constituídas em momentos distintos ao longo da vida do Tamnoá.

A primeira turma, agora de Maracatu definitivamente, remete ao período de 2001 a 2005, aproximadamente. Os integrantes se conheciam da rua, eram mais jovens do que crianças. Os ensaios aconteciam em clima bastante informal. Há relato de que foi empregado bastante esforço para articular os integrantes em moldes mais “comportados”. Foi vista então a necessidade de implementação de algumas regras expressas em uma listinha de permissões e proibições. Noto aqui que os encontros, originalmente pensados tendo a música como principal motivador, foram transformando-se também numa esfera de socialização, remodelando comportamentos.

Em 2005 fundaram o estatuto onde constava a especificação do nome Tamnoá, uma diretoria com atribuições determinadas e um corpo de gestão. Junto com o estatuto vieram muitos compromissos burocráticos que até então não faziam parte da rotina do grupo. Houve a necessidade de trabalhar com muitos papéis, com compromissos outros além dos ensaios semanais. O cenário foi modificando e as alterações permitiram a reflexão que resultou na decisão de levar o Tamnoá para outro contexto. Foi nesse momento que o Randal viu na possibilidade de levar as oficinas de Maracatu para dentro de escolas uma alternativa coincidente com o propósito de passar esse conhecimento para o público infantil.

A partir dessa intenção, firmou-se uma parceria com o instituto Madalena Caputo⁵, onde passaram a ser oferecidas gratuitamente oficinas de percussão. Ou seja,

⁵ o Instituto Promocional Madalena Caputo será apresentado no terceiro capítulo deste trabalho como uma das parcerias do Tamnoá.

as aulas nessa instituição não eram designada para o aprendizado específico do Maracatu, como já acontecia nos ensaios semanais abertos, e sim para o desenvolvimento musical e psicomotor das crianças do Paranoá que eram atendidas pela instituição em questão.

Enquanto o Randal e o Negão ministravam essas oficinas uma vez por semana no Madalena Caputo, os ensaios abertos semanais no Parque Vivencial também eram mantidos na mesma rotina. E as oficinas acabavam sendo um caminho para o recrutamento de novos membros para o grupo.

Por meio do contato com as crianças, o Tamnoá conheceu uma menina de aproximadamente 11 anos na época que se identificou fortemente com a percussão. Ela adorava as aulas oferecidas pelo instituto, mas rapidamente percebeu que as aulas já não eram mais suficientes para saciar a vontade e o interesse dela em aprender. Assim, ela insistiu para a mãe que queria participar também dos ensaios abertos, na altura transferidos para a praça central do Paranoá.

A família dessa garota era de origem nordestina e já conhecia o maracatu pernambucano. Isso facilitou o envolvimento da família com o grupo. A mãe da pequena batuqueira cedeu um espaço do seu quintal para que fosse construído um quartinho para guardar os instrumentos, com o objetivo de facilitar o trabalho desenvolvido. Essa proposta foi aceita e com o tempo foi sendo percebida uma nova rotina do Tamnoá.

Os ensaios passaram a acontecer majoritariamente na praça central, localizada no início da avenida principal, e a sede passou a ser na quadra 30, no final da mesma avenida. Assim os batuqueiros iam até a sede buscar os tambores e atravessavam praticamente a cidade inteira carregando os instrumentos nas costas até a praça central, um local bastante movimentado, com grande e constante fluxo de pessoas de todas as idades.

Nessa época foi se configurando a segunda turma do Tamnoá. Praticamente todos os integrantes desse momento do grupo faziam parte de uma mesma família, que era justamente a família da garotinha que começou a tocar no Madalena Caputo e insistiu com a mãe para participar dos demais ensaios. Dessa família, participavam do Tamnoá as três filhas, o pai, a tia, que posteriormente viria a se tornar uma grande parceria ("Martinha do coco"), entre outros. Além de tocar e ensaiar com o Tamnoá,

eles também se prontificaram a estudar sobre o maracatu, ver vídeos e buscar informações por vários meios diferentes. Além disso, alguns dos membros da família em questão, também constituíam o corpo da direção do Tamnoá, a quem eram atribuídas responsabilidades acerca das decisões institucionais, organização do grupo, elaboração e execução de projetos.

É relatado que com essa configuração, por volta de 2008, o Tamnoá passou por momento de grande desenvolvimento musical e organização das questões burocráticas. Foi quando o Tamnoá alcançou um nível de excelência na qualidade nos *baques*⁶ e nas *loas*, o que se deve em medida pelo talento pessoal dos integrantes, grande interesse e motivação para o estudo e pesquisas acerca do maracatu e disponibilidade para praticar, uma vez que os tambores e demais instrumentos permaneciam na casa dessa família, onde por vezes também aconteciam ensaios extras.

Em compensação, a organização do grupo passou a visar mais o seu desenvolvimento interno do que seu alcance social. Isso foi uma significativa fonte de conflitos, uma dificuldade que se estabeleceu nas relações sociais, pois na medida que uns visavam o desenvolvimento da qualidade do Maracatu praticado, outros integrantes percebiam a necessidade de ampliar o alcance dessa prática para a comunidade do Paranoá. Nessa época, o Tamnoá idealmente continuava sendo uma organização aberta, com ensaios em local público, mantendo a possibilidade de admitir novos integrantes, mas na prática já não era tão aberto. Contribuía para isto o fato de a sede estar localizada em uma casa residencial. Ou seja, começava a haver um conflito entre diferentes propostas para os rumos do grupo.

Em 2010 lhes foi concedido pelo Governo do Distrito Federal, em parceria com a Secretaria de Cultura, o título de "*Ponto de Cultura*", que são ações do Programa Cultura Viva, desenvolvido pelo Ministério da Cultura (MinC), por meio da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural. A fim de melhor esclarecer o que é um Ponto de Cultura, cito o trecho de informe do MinC:

O Projeto de Lei do *Programa Cultura Viva* foi aprovado na noite desta quarta-feira (4), pelo plenário do Senado Federal, agora volta à Câmara dos Deputados para ajustes e depois vai a sanção presidencial. O PLC 90/2013 de autoria da deputada federal Jandira Feghali (PCDB/RJ), transforma em Lei Nacional o programa desenvolvido pelo Ministério da Cultura (MinC) desde de 2004. O Cultura Viva é viabilizado por meio das ações dos Pontos de Cultura espalhados por todo o país e tem a missão de fomentar o

⁶ frases rítmicas ao som da alfaia.

protagonismo social na área da Cultura e difundir as expressões culturais da população brasileira, viabilizado o acesso aos bens e produtos culturais a milhares de pessoas, desde os grandes centros urbanos até as áreas mais remotas do território nacional. (<http://www.cultura.gov.br/cidadaniaediversidade/noticias>)

Decorrente de todas essas novas configurações, o Tamnoá teve que assumir responsabilidades e também tomar decisões acerca de várias questões. Houve divergência de posicionamento sobre questões relevantes ao funcionamento cotidiano. Entre as divergências suscitadas, podemos mencionar o emprego do dinheiro obtido pelo Ponto de Cultura, as decisões sobre como deveriam acontecer os ensaios, entre várias outras questões que ajudaram a criar uma atmosfera de tensão, culminando em uma divisão, em que uma parte das pessoas do Tamnoá optou por ficar responsável pelo controle do CNPJ e, portanto, do Ponto de Cultura e todas as questões burocráticas decorrentes desse título, enquanto outra parte se responsabilizaria pelos tambores e ensaios.

Essa divisão era reflexo claro de duas concepções do grupo. A primeira via no Tamnoá uma associação voltada para fora, com um compromisso social atrelado à disseminação da cultura popular na comunidade do Paranoá. A segunda concepção estava fundada nas vivências internas ao grupo, na prática do maracatu, nas relações pessoais ali construídas e no sentido de pertencimento gerado.

Após esse “acordo” de divisão entre o “CNPJ” e a vida prática dos ensaios, o Tamnoá se manteve dividido por um período curto de tempo, até quando foi necessário realizar a prestação de contas com a Secretaria da Cultura. Foi então esclarecido que o título de Ponto de Cultura (bem como todos os atributos intrínsecos a ele) estava designado à organização Tamnoá, não podendo assim ser direcionado a outra coisa, qualquer que fosse. Isso foi um choque para todos, pois inviabilizava a manutenção do “acordo” estabelecido anteriormente, e um alívio para alguns pela exigência governamental em manter vinculado o título com a organização prática.

Decorrente desse conflito aconteceu o distanciamento de alguns integrantes do grupo, e a possibilidade de uma nova parceria, que se deu de fato com a Casa Viva. A “Casa Viva - Assessoria, Formação, Arte e Cultura” foi criada em 2012 por um grupo de mulheres que mantêm a gestão atualmente, e têm como objetivo atuar como um empreendimento social feminista a partir da autogestão e da sustentabilidade.

A partir dessa parceria decorreu uma nova rotina de ensaios, um novo ambiente de convívio e ingresso de novos participantes e amantes do maracatu. Essa terceira turma a qual me refiro começou a se conhecer quando os ensaios aconteciam aos

domingos pela tarde na praça pública, e a sede, onde os tambores passaram a estar guardados, havia sido deslocada em virtude da parceria com a Casa Viva. Foi nessa época que eu conheci o Tamnoá e comecei a participar dos ensaios com regularidade.

A parceria com a Casa Viva como sede do Tamnoá durou até meados de 2014, período designado à pesquisa de campo deste trabalho, posteriormente a sede foi transferida para um espaço alugado na mesma quadra do Paranoá. Atualmente os ensaios acontecem na sede do Tamnoá, mesmo local onde os instrumentos permanecem guardados. Os ensaios acontecem às sextas-feiras pela noite, com uma média de 10 a 15 pessoas participando a cada ensaio, com início às 19h30 e finalização por volta das 22h00, sendo que muitas vezes as pessoas que vão aos ensaios se articulam em conversa informal e combinam alguma saída na cidade na mesma noite.

Tamnoá atualmente

Este capítulo descreverá o Tamnoá conforme ele se apresenta atualmente, tratando de sua rotina vigente, suas atividades, sua organização interna, seus fundamentos. Buscará também situar o Tamnoá como um grupo artístico de maracatu. Com isso pretendo apresentar o Tamnoá a partir da concepção interna, ou seja, como os próprios integrantes o percebem.

O período destinado à realização da pesquisa de campo abarcou dois momentos do Tamnoá: sua rotina durante a parceria com a Casa Viva e depois em sua mais recente sede. Tratarei das atividades vividas pelo Tamnoá nesses dois espaços em questão, abordando assim as diferenças e as constâncias percebidas.

Os integrantes do Tamnoá consideram-se como um grupo artístico de percussão que toca o ritmo "maracatu de baque virado". Dentro desse ritmo há vários baques diferentes que são ensaiados pelo Tamnoá, notando que consideramos baque o som produzido pelo toque do tambor em um conjunto de batidas que variam tanto de intensidade quanto de "espaço de tempo" entre as batidas, formando "frases rítmicas". Essas frases rítmicas são repetidas constantemente até a indicação do mestre, ou de quem estiver fazendo a regência do baque, de que será dado início a uma virada⁷ ou a finalização do baque, isto é, o término da música.

Os instrumentos

O Tamnoá utiliza vários instrumentos diferentes. Farei a seguir uma breve descrição de cada um deles.

A alfaia é um tambor feito com o corpo de madeira, que funciona como a caixa de ressonância para o som, e a pele de couro, onde se bate com uma baqueta de madeira para produzir o som. A afinação da alfaia se dá pelo aperto no trançado das cordas que circundam todo o exterior do tambor, atividade essa bastante complexa, trabalhosa e que exige empreendimento de grande esforço físico. Usa-se também azeite de dendê na pele para auxiliar na manutenção da afinação.

Esse tambor é tocado com ambas as mãos sendo que na mão direita usa-se uma baqueta de madeira mais grossa e de menor comprimento, com a qual se toca mais forte,

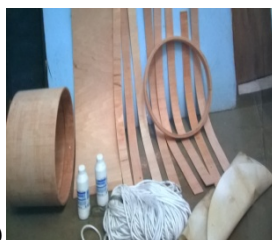
⁷ variação à frase rítmica produzida pelo toque da alfaia.

produzindo um som mais intenso; a mão esquerda sustenta uma baqueta de madeira mais fina, com a qual se toca mais delicadamente, produzindo assim, um som mais fraco, que chega a ser quase inaudível em alguns baques específicos. A função principal dessa mão é determinar o tempo entre cada nota do compasso.

As alfaias utilizadas pelo Tamnoá são produzidas e tem sua manutenção feita pelos próprios integrantes do grupo. O Randal assume a responsabilidade nesse quesito, ensinando e orientando os demais integrantes quanto ao modo de realizar tal atividade, pois desenvolveu habilidades para a construção e manutenção dos tambores a partir da prática de mais de dez anos, e tem passado tal conhecimento aos demais membros por meio de oficinas de luthieria e atividades rotineiras durante os ensaios, como a afinação das alfaias, por exemplo.



(02)



(03)



(04)

(Figuras 02, 03 e 04, acervo do Tamnoá. Créditos Randal Pereira.)

Outro instrumento que compõem os ensaios do Tamnoá são as caixas. Estas são confeccionadas com um corpo de alumínio e pele sintética, além de um conjunto de parafusos determinando a afinação. A caixa é tocada com um par de baquetas idênticas de madeira, sustentadas uma em cada mão.



(Figura 05, Imagem do google.)

Utilizam-se também os Agbês, igualmente conhecidos como Xequerês, que são instrumentos constituídos a partir de uma cabaça envolvida com uma rede de miçangas. O som é produzido a partir do movimento dessa cabaça, que faz com que as miçangas se choquem com a parede externa da cabaça resultando em um som semelhante a um chocalho.

Os Agbês utilizados pelo Tamnoá, assim como as alfaias, são produzidos pelos membros em oficinas próprias para a construção de instrumentos. Essas oficinas são periódicas com espaço de tempo de aproximadamente um ano.



(Figura 06, imagem de acervo pessoal, Agbê do Tamnoá.)

O Gonguê também compõe o conjunto de instrumentos utilizados pelo Tamnoá. Feito de ferro, é um instrumento bastante pesado, que tem aproximadamente 1 metro de altura, no qual o tocador segura com uma mão apoiando a base do gonguê na coxa, como indica a imagem abaixo, e toca com uma baqueta específica feita de plástico.



(Figuras 07 e 08, imagens do google.)

O Ganzá é um instrumento cilíndrico de alumínio com sementes dentro, ou outro material semelhante. É tocado na horizontal, com as duas mãos sustentando o cilindro, realizando uma movimentação contínua, e normalmente rápida, de balançar em determinados ritmos, de modo que as sementes do seu interior se choquem contra as paredes internas, produzindo um som que acompanha o ritmo das caixas e do Agbê.



(Figura 09, imagem do google.)

No Tamnoá, a quantidade de cada instrumento varia de acordo com a quantidade de integrantes presentes. Cada pessoa pode eleger o instrumento que vai praticar ou aprender a tocar. Normalmente há duas caixas, dois ou mais agbê, aproximadamente sete ou mais alfaías, e sempre há só um gonguê, de modo que quando há outra pessoa disposta a tocar há o revezamento do instrumento.

Além desses instrumentos descritos, utiliza-se o apito no auxílio da regência do baque. O apito normalmente está com o mestre ou então estará com quem estiver regendo. Em entrevista com o Randal, ele me disse que o apito é uma evolução no maracatu. Grupos mais tradicionais não aderiram ao apito como uma ferramenta que

substitui o assobio na indicação das viradas rítmicas e da finalização do baque.

Os ensaios

Durante os ensaios do Tamnoá, quando estão todos preparados para começar a tocar um baque, antes de tudo, surge a voz de um puxador⁸ ou puxadora⁹ que começa a cantar uma loa que os demais participantes já conheçam. Quando a loa elegida é inédita, primeiramente o puxador ensina o coro para todos, e só então começam a "ensaiar para valer".

Em seguida o apito anuncia o momento de entrada das caixas, que são os primeiros instrumentos a tocar, tanto nos baques do Tamnoá quanto de praticamente todas as Nações de Maracatu de Pernambuco. Há algumas loas específicas que começam com o toque do Gonguê. Em seguida, o apito indica um segundo comando, depois que as caixas já entraram simultaneamente, que é a orientação do momento em que os tambores devem entrar, também simultâneos. Os agbês entram normalmente no mesmo momento que os tambores, junto com o ganzá.

Em janeiro de 2014, quando foi dado início ao trabalho de campo desta pesquisa, os ensaios aconteciam aos domingos a partir das 16 horas e acabavam por volta das 19 horas. As pessoas se encontravam na Casa Viva, que era o local onde os instrumentos ficavam guardados e por isso era considerado a sede do Tamnoá.

De lá cada um pegava o instrumento que pretendia tocar durante o ensaio e o carregava até a praça pública que fica atrás da Administração Sede do Paranoá. Trata-se de um espaço aberto com constante fluxo de transeuntes. Esse trajeto tem uma distância de aproximadamente 1 Km.

Chegando na praça, deixavam os instrumentos próximos a um banco e reuniam-se em círculo, enquanto os demais integrantes chegavam. Davam início, então, a um breve alongamento.

Às vezes ensaiavam em círculo, outras vezes o mestre solicitava que se posicionassem todos em formação¹⁰. A formação do Tamnoá é na seguinte disposição: todas as caixas são posicionadas à frente, diante dos demais; o gonguê fica disposto ao lado das caixas; em seguida, todos os agbês são posicionados um ao lado do outro, de frente para as caixas e na frente das alfaias; estas são posicionadas em duas ou três

⁸ pessoa que dá início a um baque por meio do canto de uma loa.

⁹ feminino de puxador.

¹⁰ uma alternativa sobre o posicionamento dos batuqueiros durante a tocada.

fileiras, dependendo da quantidade de alfaias no ensaio. Às vezes é solicitado que uma caixa fique entre as alfaias para manter o ritmo da caixa próximo aos tambores. Os ganzás sempre estão ao lado dos agbês.

A palavra “solicitação” cabe nesse contexto pois indica a ideia de sugestão, uma vez que durante os ensaios do Tamnoá não há a obrigatoriedade nem de permanecer em um determinado lugar, nem de tocar um instrumento específico, nem tampouco de tocar se não for a vontade de cada um no momento. Isso vale tanto para os ensaios quanto para as apresentações. Ainda que haja um "modelo" de comportamento esperado pelo Tamnoá, como veremos adiante, ninguém é obrigado a fazer o que não seja de sua própria escolha.

Cabe ressaltar que essa formação descrita é relativa ao Tamnoá, sendo que cada grupo ou Nação de maracatu pode apresentar uma formação diferente sem caracterizar certo ou errado qualquer uma delas. O valor que se pode atribuir nesse sentido é de mais ou menos “tradicional”, tendo como parâmetro de tradição o Maracatu de Pernambuco.

Durante o ensaio tocam-se várias loas, e em todos os ensaios de que participei até hoje, há espaço para qualquer pessoa “puxar” uma loa, caso queira. Cabe ressaltar que as músicas cantadas nos ensaios muitas vezes são de Nações Pernambucanas. Quando é esse o caso, são entoadas ao ritmo de seu respectivo baque. Outras loas são de autoria do Tamnoá; estas são acompanhadas com o baque próprio de tal loa.

As pessoas podem revezar os instrumentos durante os ensaios ou inclusive parar de tocar para descansar, fumar um cigarro, falar ao telefone, comer um lanche ou qualquer outro intuito, como recorrentemente acontece. Mas o que não se deve fazer, com risco de ser chamado a atenção pelo Randal ou por outros integrantes mais antigos, é começar a tocar, principalmente o tambor, enquanto já tem uma loa em andamento, ou seja, no meio de uma música, ou parar de tocar antes da finalização da loa.

Os ensaios tem em média o mesmo tempo de duração. Uns se estendem mais outros menos, mas percebe-se que a finalização quase sempre é por meio de uma sugestão: "vamos parar?". Quando as pessoas demonstram ânimo para continuar, são tocadas algumas "saideiras", assim, os ensaios normalmente terminam quando as pessoas demonstram cansaço ou por algum motivo excepcional, como por exemplo haver uma apresentação em seguida ou começar a chover.

Após o ensaios os integrantes comumente fazem alguns comunicados, normalmente anunciam alguma festa ou evento que esteja acontecendo na cidade, e em seguida conversam entre si. Não passa muito tempo e os instrumentos voltam a ser

guardados na Casa Viva. Chegando lá, os integrantes do Tamnoá se sentam em uma varanda do lado de dentro do portão e ficam conversando sobre inúmeros assuntos. Pessoas entram e saem das conversas, ora conversam em paralelo, ora as conversas incluem todos do recinto.

No início de fevereiro de 2014, os ensaios foram transferidos para as sextas-feiras pelo início da noite, tendo o horário estipulado para início às 19 horas, sendo que usualmente começavam a tocar de fato por volta das 20 horas e finalizavam em torno das 22 horas. Às vezes as conversas na Casa Viva se estendiam até as 23 horas ou mais.

Desde o início de 2014, algumas pessoas que frequentavam os ensaios do Tamnoá com certa regularidade também frequentavam treinos de capoeira em uma escola localizada a uma quadra de distância da Casa Viva. Esses treinos acontecem por meio de um projeto social de nome "Consciência em Movimento" que vem sendo desenvolvido há 10 anos pelo Contra-Mestre Vila Isabel do grupo "Núcleo de Capoeiragem Movimento Cultural", cujos mestres são Mestre Jorge, Mestra Jú e Mestre Danilo. Esta informação é relevante pois a influência dessas pessoas, a partir da inserção na capoeira, interferiu no convívio com o Tamnoá e seus integrantes. Primeiro porque cinco pessoas se encontravam nessa condição, de capoeiristas tocando maracatu com o Tamnoá, o que às vezes chegava a ser um terço ($1/3$) dos integrantes no ensaio. E também porque após o ensaio, já de regresso à sede, às vezes faziam um jogo de capoeira na varanda da Casa Viva, mesmo local onde os demais integrantes sentavam para conversar e descansar do ensaio antes de irem de volta para suas respectivas casas. Isto despertou o interesse de alguns Tamnoeiros (designação interna para quem toca Tambor junto ao Tamnoá) em começar a treinar capoeira com esse projeto social, que oferece aulas gratuitas duas vezes por semana.

O resultado dessa convergência de interesses foi a criação de loas de maracatu pelo Tamnoá sobre o universo da capoeira, inclusive mencionando o nome do local de treinamento desses capoeiristas (Ganzuá). Observamos com isso uma espécie de rede que foi se constituindo entre vários grupos, formados a partir de diferentes expressões da cultura popular brasileira, e que encontraram nesse interesse comum um vínculo capaz de atravessar as fronteiras de sociabilidade de cada grupo separadamente. Esse processo de articulação entre os grupos será abordado com mais profundidade no capítulo seguinte, que tratará das parcerias do Tamnoá.

Organização e finalidade

O Tamnoá parte de um ideal de autogestão para a organização tanto da rotina quanto dos eventos de que participa, ainda que tenha estipulado em seu estatuto um grupo que compõe a direção, a quem são atribuídas determinadas responsabilidades. Muitas questões rotineiras recaem sobre todos os participantes. Por exemplo, quando um rapaz comentou a beleza de um pé de pitanga o jardim da Casa Viva e perguntou para a Ivonete, até então integrante da direção do Tamnoá, quem cuidava do jardim, ela respondeu sem hesitar que o jardim deve ser cuidado por todos. O mesmo acontece com a faxina, com a manutenção dos instrumentos, etc.

Quanto à finalidade do grupo, isto é, a motivação para sua criação e continuidade, observo a presença de dois fatores que por vezes se complementam, outras vezes concorrem na definição dos propósitos do Tamnoá. O primeiro deles é uma preocupação de cunho social, no trabalho com a comunidade. O segundo fundamenta-se na prática musical e seus significados para os integrantes do grupo. Como vimos no capítulo anterior, esses dois fatores já levaram a tensões ao longo da história do grupo, incluindo processos de fissão, que até hoje se configuram como memórias doloridas e em certa medida silenciadas. Mas esses dois propósitos por vezes se conjugam no discurso, na maneira como os integrantes percebem o sentido da participação no grupo e, particularmente, na experiência de tocar o maracatu, uma experiência eminentemente coletiva.

Em entrevista com a Ivonete, perguntei sobre a atuação do Tamnoá no resgate social e entretenimento de jovens e crianças do Paranoá, uma vez que o Tamnoá desde sua primeira formação praticamente sempre esteve trabalhando com crianças que vivem alguma situação de vulnerabilidade social na comunidade. Foi quando ela me respondeu que não percebe de fato um resgate social dessas crianças, mas sim um resgate da musicalidade partindo do pressuposto de que a música une as pessoas.

A partir do fundamento de que o Tamnoá não cobra dinheiro pelo uso dos instrumentos, nem tampouco pelo conhecimento cultural passado durante os ensaios, percebe-se uma abertura do grupo a parcelas mais desfavorecidas da comunidade. Há quem sinta que o Tamnoá acolhe os batuqueiros e promove um “resgate cultural” de seus integrantes, especialmente das crianças que participam do grupo, uma vez que isso desperta a curiosidade e o interesse em desenvolver a musicalidade e conseguir fazer algo que até então não conseguiam, como tocar um ritmo ou instrumento específico. E isto suscita a curiosidade pelo aprendizado e também distrai esses jovens de “caminhos”

indevidos, como por exemplo o envolvimento com as drogas e também com a criminalidade significativamente presente no local.

De acordo com as entrevistas realizadas, tem-se como fundamento geral que o maracatu não se faz sozinho. É necessário que haja pessoas (cabe ressaltar o plural dessa colocação) que "alimentem a energia do tambor", ou seja, diferentemente de outras práticas musicais, o maracatu inclui vários instrumentos que, quando tocados "compassadamente" (com as batidas no mesmo tempo), produzem um som que se faz sentir na própria pele, cujo resultado musical é bastante harmônico. Há quem alegue que esse processo envolve "uma troca de energia" entre quem toca, e talvez também entre aqueles que escutam os tambores. Disso se justifica a importância da coletividade no Maracatu, pois certamente não é o mesmo efeito sonoro ouvir o som de um ou dois tambores, e ouvir 10 ou 30 tambores fazendo contínuas viradas freneticamente.

Foi percebido no diálogo com vários integrantes do Tamnoá a concepção de que são atribuídas características místicas aos tambores, como por exemplo a capacidade de refletir a energia e o estado de espírito de quem os toca. Sendo esta uma das possíveis causas pela qual a pele do tambor às vezes fura pela batida da baqueta, e outras vezes isso não acontece. Essa interpretação é comum a integrantes do Tamnoá e também a algumas Nações de Maracatu em Pernambuco.

Alguns dos argumentos de membros do Tamnoá, que refletem as causas prováveis do vínculo entre as pessoas e os tambores, envolvem a questão da ancestralidade do tambor. Segundo esses discursos, quando em épocas remotas, o tambor era usado como um meio de comunicação entre tribos por meio do som que alcançava grandes distâncias, inclusive servindo como convite para festejos ou momentos de sociabilidade em geral a partir do toque de ritmos específicos. Esta "utilidade" remota do tambor tem espaço para interpretações atuais, pois apesar de que elementos modernos e contemporâneos tenham sido apropriados aos fundamentos do batuque, os toques do tambor podem ser percebidos como um convite para a realização de celebrações, uma vez que é difícil ou até improvável para muitas pessoas evitar a festividade quando se escuta um animado e compassado ritmo de tambor.

Outra questão que foi ressaltada por pelo menos 3 pessoas em conversas informais e também em entrevista foi que o vínculo com o tambor vem a partir da memória gestacional de cada indivíduo. Isto pode ser entendido a partir do pressuposto de que o primeiro contato com o ritmo de um tambor é durante a gestação, quando o bebê em formação escuta o coração de sua mãe e o seu próprio, formando assim um

“compasso”.

Estas questões são hipóteses que não têm a pretensão de serem comprovadas neste trabalho. O que importa mencionar é que tais elementos ilustram a percepção acerca do envolvimento das pessoas com as músicas e os ritmos produzidos pelos tambores a partir da troca de experiências e do ensinamento mútuo, que são de fundamental importância para o Maracatu de Baque Virado. Isto indica que as pessoas não tocam porque simplesmente gostam do som ou por ser uma prática acessível. Elas se sentem ligadas de alguma forma por meio dos significados que envolvem o trato com tambores, e consequentemente a “cultura do Maracatu”.

O Tamnoá apresenta uma identidade, que é constituída pelo conjunto de todas as características pontuadas anteriormente e por outros elementos que ainda serão trazidos no decorrer da leitura. Essa identidade é singular, constituída a partir das regras que muitas vezes estão implícitas na rotina e que são reafirmadas no discurso de seus integrantes, como vimos anteriormente. O Tamnoá caminha assim numa fronteira tênue entre, de um lado, sua identidade enquanto grupo relativamente estruturado e, de outro lado, sua abertura e flexibilidade, refletidas nos ensaios abertos à participação de qualquer um e no princípio da autogestão. Além disso, faz parte da rotina o recebimento de novo integrantes, novas ideias, novos instrumentos, novos ritmos, novas expressões, etc.

Em entrevista com o Randal, que é o Mestre de maracatu do Tamnoá, destaco sua resposta à pergunta "o que é o Tamnoá?". Em suas palavras, o grupo se caracteriza pela seguinte ideia: "a energia está aí, todo mundo pode chegar, só não pode abafar". Esta frase é carregada de sentido pois explicita a tradição de ser um grupo que oferece ensaios abertos, disposto a agregar novos integrantes a cada encontro, e que também apresenta determinadas regras ainda que não sejam anunciadas em voz alta a todo tempo, nem legitimada por uma ordem escrita. Por mais que às vezes possa passar despercebido, há coisas que se permitem fazer e outras que são mal vistas, ou não há adesão ou aceitação, como exemplificado acima.

A partir das observações feitas em campo e do registro decorrente das mesmas, pude notar que há uma percepção comum às pessoas que frequentam os ensaios de que o Tamnoá provém uma energia que "toca/mexe" quem se aproxima, ou seja, quem se permite sentir o tambor, capaz de envolver as pessoas em um sentimento de alegria e comunhão. O Tamnoá é descrito como se fosse um ser abstrato, que não pode ser apalrado ou detido, mas pode ser sentido e compartilhado. E assim como todo "Ser", o

Tamnoá precisa ser cuidado continuamente para não desfalecer. Argumento que o cuidado maior se revela na preservação dos instrumentos, na manutenção dos ensaios e na aproximação de novas pessoas.

O Tamnoá e a preocupação ambiental

Os relatos de todos os entrevistados indicam que o Tamnoá também se interessa pelo desenvolvimento das questões ambientais em suas atividades rotineiras. Desde sua concepção como uma associação cultural, já fizeram mutirões de coleta de lixo em áreas públicas e sempre depreendem esforços para fazer a coleta seletiva do lixo nas sedes que conheci, ou seja, na Casa Viva e na atual sede. Em todas as festas e eventos organizados, os membros do grupo procuram designar uma lixeira específica para a coleta de latinhas que posteriormente serão encaminhadas para reciclagem.

Além dessas ações de rotina que refletem a atenção com o cuidado e a preservação do meio ambiente, há outras ações que reforçam este mesmo empreendimento. São atividades organizadas com o principal propósito de trabalhar a questão do meio ambiente, especialmente o diálogo orientado com o intuito de suscitar reflexões acerca da importância de tais atividades.

No início da constituição do Tamnoá, antes mesmo da atribuição deste nome, havia dificuldades no empreendimento de ações dessa magnitude, ainda que já houvesse a intencionalidade, pois para realizar alguma ação ou firmar alguma parceria era necessária a existência de um CNPJ. Quando este foi adquirido, houve várias outras demandas mais essenciais à manutenção das atividades culturais de rotina, ou seja, os ensaios semanais, que ao meu ver são tomadas como prioridade. Por exemplo, foi necessário obter uma sede para guardar os tambores, procurar meios de locomoção para a realização das atividades previstas, construção de novos instrumentos para atender a demanda, etc. A busca por essas "ferramentas", ao mesmo tempo fundamentais para a proposta cultural do Tamnoá, também implicava em um dificultador para o propósito ambiental, no sentido que demandava tempo e disposição para pensar e realizar as propostas de atividades na esfera ambiental.

Foram várias as vezes que ouvi durante confraternizações antes e depois dos ensaios a queixa com todos os integrantes do Tamnoá presentes, no sentido de que deveriam retomar o debate sobre a questão ambiental, que precisavam respeitar a divisão do lixo seco e do lixo orgânico na sede, que deveriam providenciar um amassador de latinha para incentivar a coleta destas, etc. Em entrevistas mais recentes,

foi ressaltado que hoje em dia o Tamnoá já dispõem de sede e veículo, de modo que não apresenta uma urgência que demande atenção imediata, podendo se dedicar a projetos envolvendo a cultura musical articulada com a cultura ambiental.

Um reflexo simbólico dessa preocupação do Tamnoá com o ambiente é a criação do personagem "Zé Limpeza" que desfila junto com o Tamnoá durante os carnavais.



(Figura 10, acervo do Tamnoá, créditos Randal Pereira).

A temporalidade do grupo e seu caráter associativo

Assim como as variantes do Maracatu encontradas em Pernambuco, o Tamnoá "vive" em função do carnaval. Isto explica sua sazonalidade, fenômeno comum a todos os grupos e Nações de Maracatu. Em meses próximos ao carnaval, normalmente dezembro, janeiro e principalmente fevereiro, há uma intensidade na frequência dos ensaios, e, não menos importante, um aumento significativo da quantidade de participantes durante os mesmos.

Dessa participação no período de "alta temporada" decorre o convívio e a aproximação entre as pessoas, mesmo que algumas vezes assuma o caráter de uma associação temporária, outras vezes resulte em processos de amizades ou de parcerias "extra batuque" das mais variadas naturezas.

O que é importante ressaltar por ora é que em todas as bibliografias consultadas¹¹, e inclusive na pesquisa de campo realizada, faz-se menção ao caráter associativo do maracatu. Isto quer dizer que, por causa ou consequência (relação esta que será mais bem trabalhada no último capítulo deste trabalho), a prática do maracatu proporciona a reunião entre pessoas para batucar, "brincar", celebrar e festejar. A atividade promove relações sociais e emocionais entre seus integrantes.

¹¹ REAL, Katarina. O Folclore no Carnaval do Recife. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

SANTOS, Climério de Oliveira e RESENDE, Tarcísio Soares. BatuqueBook_ Maracatu Baque Virado e Baque Solto. Recife: Ed. do Autor, 2005.

Dessa associação resulta tanto o resgate quanto a produção de cultura como veremos posteriormente. Durante uma entrevista, ouvi de Ivonete que o Maracatu, conseqüentemente o Tamnoá, ensina muitas coisas além de tocar os instrumentos, os ritmos e as loas; ensina também sobre a história do Brasil, sobre o povo brasileiro e suas tradições, sobre uma questão de resgate cultural, de luta e resistência de um povo muitas vezes subjugado, sobre o meio ambiente, entre outras questões.

Quando perguntei em cada entrevista feita sobre em que resultou o trabalho do Tamnoá, obtive como respostas:

"O Tamnoá cria raízes. Essas raízes são a energia que para se manter tem que continuar sendo regada."

"O Tamnoá finca raiz em quem toca."

"O Tamnoá está pulsando."

"Depois que você se deixa envolver pelo maracatu, você pode até sair do Tamnoá, mas o Tamnoá não sai de você."

Tais falas remetem ao sentido de pertencimento gerado pela participação no grupo. O discurso pautado na força mítica do tambor e sua energia funciona como uma espécie de metáfora para falar da força do próprio grupo e do sentimento que gera entre seus integrantes.

Hoje o Tamnoá é visto tanto em Brasília como para algumas "Nações" de Pernambuco como referência de Maracatu na capital. Seus integrantes percebem que após dez anos de luta e resistência às dificuldades, a comunidade do Paranoá atualmente expressa respeito e aceitação ao Maracatu, que sempre tem sido praticado em áreas públicas.

Alcance do Tamnoá: parcerias, membros e eventos.

Com a elaboração deste capítulo, pretendo complementar a descrição sobre a Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá – Tamnoá. Com este intuito, abordarei as parcerias que constituem a rede de influência do Tamnoá. Serão apresentadas também as pessoas que compõem essa rede, seus papéis nas atividades desenvolvidas junto à associação e os eventos que aconteceram com a organização e/ou participação do grupo. Esta apresentação se faz importante na medida em que fundamenta posteriores reflexões acerca das relações sociais decorrentes dessa prática em comum, que é a vivência no Tamnoá.

Parcerias

Neste tópico serão descritas algumas das parcerias do Tamnoá que foram observadas durante a pesquisa. Infelizmente não consegui fazer entrevista em todas as instituições que serão mencionadas a seguir, ainda assim avalio ser válida a menção pois todos os itens deste tópico referem-se a segmentos que constituem a rede de alcance da atuação do Tamnoá, e conseqüentemente configuram também parte relevante de suas atividades e envolvimento com a comunidade, em um sentido mais amplo.

Casa viva

A Casa Viva está localizada em um terreno residencial no início do Paranoá. É uma instituição que foi fundada em 2012, onde são realizadas diversas atividades cujo foco principal é promover debates e reflexões acerca do papel e dos cuidados com as mulheres na sociedade. A parceria com o Tamnoá começou em meados de 2012 e durou até meados de 2014, o que não implica que não haja ou haverá atividades em conjunto a partir de então. Naqueles dois anos, o Tamnoá teve sua sede na Casa Viva, o que implicava um contato frequente.

Na parte interna, para além das edificações que conformam o espaço, tem um canteiro estreito e comprido. Ao longo do canteiro tem um banco de cerâmica e um pé de acerola, que compõem um espaço aconchegante, onde recorrentemente pessoas se sentam para conversar sobre diversos assuntos, reforçando os laços entre elas.

Durante o período de parceria designado anteriormente, o corpo de gestão da Casa Viva contribuiu em grande medida para a organização das atividades

desenvolvidas pelo Tamnoá, inclusive na elaboração da contrapartida do projeto do Ponto de Cultura, auxiliando na realização dos trâmites burocráticos necessários. E o Tamnoá também contribuiu na organização dos eventos realizados pela Casa Viva, com apresentações de Maracatu e também de Samba de Coco. Em tais eventos havia igualmente a divulgação e o recrutamento de integrantes para o Tamnoá.

A rotina de convivência entre dirigentes da Casa Viva e integrantes do Tamnoá era marcada por pequenos conflitos, referentes, por exemplo, à cooperação na limpeza do espaço e à proibição ou permissão para fumar no interior da sede.

Não obtive informações específicas sobre os motivos para a mudança de sede do Tamnoá. Acredito entretanto que não exista um motivo determinante, e sim a soma de fatores desfavoráveis à manutenção da parceria nos moldes que se encontrava, frente a uma alternativa plausível e mais ajustada às condições demandadas. Entre os empecilhos à manutenção da parceria podemos mencionar que a vizinhança que circunda a Casa Viva não tolera ruídos muito altos, ainda menos se forem recorrentes.

Neste sentido, cabe fazer menção a um episódio desagradável vivido pela Casa Viva e Tamnoá. Para comemorar o primeiro aniversário de Casa Viva, em 2013, foi organizado um evento com a participação do Tamnoá. Entenda-se por participação uma “tocada”, quando fizeram uma apresentação em conjunto com outro grupo. O evento resultou em uma linda e animada festa. Porém, não agradou a vizinhança em mesma medida que aos convidados. O resultado foi que a vizinhança entrou com um processo judicial que surpreendeu tanto as gestoras da Casa Viva, quanto os diretores e demais membros do Tamnoá. Depois desse episódio houve muito mais cuidado em não fazer barulho com os instrumentos de música até sair da casa, os horários das festas que aconteciam na própria Casa Viva foram rigorosamente cumpridos, entre outras providências que tangem a questão do convívio entre um grupo de Maracatu e a comunidade que o circunda.

Martinha do Coco

Marta Leonardo de Oliveira, mais conhecida como Martinha e também por Martinha do Coco, nasceu no dia 11 de Junho de 1961, em Recife, mas morou em Olinda, Pernambuco. Mudou-se para Brasília em 1979, quando tinha apenas 17 anos. Sua mãe veio à Brasília anteriormente para trabalhar, e quando conseguiu certa estabilidade mandou trazer seus cinco filhos, inclusive a Martinha.

Considerada pela mãe a mais sapeca dos cinco filhos Martinha conheceu o

Tamnoá por meio de sua sobrinha, de nome Fernanda. Essa sobrinha tinha aulas de percussão no Instituto Madalena Caputo, após o período escolar. Ela estava gostando muito, e vivia contando histórias para sua tia sobre o que tinha acontecido na aula, sobre as pessoas e sobre a rotina de vivência com o Tamnoá. De acordo com a própria Martinha, Fernanda não sabia explicar exatamente o que eles tocavam nas aulas do Instituto Madalena Caputo, mas como todas as semanas tinha um instrumento musical diferente na casa de sua irmã, a Martinha intuiu que fosse Maracatu, ritmo este que ela já conhecia desde Pernambuco e também gostava bastante.

A Fernanda gostava tanto de tocar que já não se contentava em praticar somente nas aulas no Instituto, e passou a participar também dos ensaios abertos em praça pública, como foi mencionado no primeiro capítulo. A partir de então passou a convidar sua tia para acompanhá-la nos ensaios. Martinha foi e achou tudo tão bonito, o ritmo, a alegria, a música, que na segunda vez que foi levou também seus dois filhos, um sobrinho e sua mãe, Dona Josefa, que posteriormente se tornou bastante presente nos ensaios.

Desse envolvimento da família com o maracatu e da inadequação do espaço então utilizado para os ensaios, surgiu a proposta de mudança da sede do Tamnoá. A mãe da Fernanda propôs ceder um espaço do seu terreno para que fosse construído um barracão onde passariam a ser guardados os instrumentos. Os ensaios passaram a acontecer em uma praça menos movimentada nas proximidades dessa quadra.

Foi nesse período que o Tamnoá, junto com a família da Martinha, fez um trabalho de “resgate cultural” na comunidade. Por meio do encontro entre os moradores do Paranoá, sendo grande parte de descendência nordestina como é o exemplo da família da Martinha, começaram a resgatar as lembranças relacionadas com a cultura popular nordestina. Assim, a comunidade em conjunto ia lembrando de músicas, cantigas, folguedos, ritmos, e somavam tudo isso aos ensaios, recheando os encontros com cada vez mais conteúdo cultural. Cada um ensinava, aprendia e criava junto com o Tamnoá, passando a estudar outros ritmos como samba, o samba de coco, a ciranda, entre outros. A partir desse “florescimento cultural”, a Martinha começou a criar suas próprias composições, principalmente de samba de coco.

Em decorrência dos conflitos internos vividos pelo Tamnoá que resultou na divisão do grupo e posteriormente na saída de alguns integrantes, questão esta que foi abordada no primeiro capítulo, a Martinha optou por se distanciar das atividades do Tamnoá. Existe um ditado que diz: “no balanço da carroça as abóboras de ajeitam”. Em

entrevista, a Martinha utilizou o ditado fazendo analogia ao conflito mencionado e acrescentou: "Mas no caso do Tamnoá as abóboras caíram mesmo, não se ajeitaram."

A partir desse momento, Martinha deu continuidade ao processo de descobertas e criações individuais. Assim que saiu do Tamnoá, percebeu várias oportunidades ao seu redor, e com o intuito de aproveitá-las, logo formou um grupo denominado "Tambores de Resposta". Junto com outras duas moças de nomes Raquel e Beth cantavam e tocavam samba de coco. No decorrer do tempo, Martinha integrou várias formações e a cada vez mais via firmar a identidade de Martinha do Coco. Tocou com os seus filhos, com integrantes do Tamnoá, com outros músicos que conhecia. Em certo momento chegaram a ter quinze integrantes no grupo Martinha do Coco, entre dançarinos e músicos.

Um episódio da carreira da Martinha que não pode deixar de ser mencionado é o recente título de Mestre da Cultura Popular pela Secretaria da Cultura do Distrito Federal, que foi comemorado no dia 07 de Junho de 2014 com uma feira de troca seguido de uma apresentação da Martinha do Coco no Paranoá, na mesma praça onde aconteceram os ensaios do Tamnoá por um certo período.

Para concluir este tópico, saliento a questão da parceria. De acordo com a própria Martinha, o Tamnoá e a Martinha do Coco estão vinculados pelo histórico, ajudando a constituir a "essência" do que é a Martinha do Coco hoje. Entendo que esse vínculo se deve, além da questão conjuntural, também ao sentimento de amizade e de confiança criado entre as partes, resultado de vários momentos de superação dos obstáculos encontrados.

Núcleo de Capoeiragem Movimento Cultural

O Núcleo de Capoeiragem Movimento Cultural é um grupo de capoeira que atua no Paranoá há mais de dez anos por meio de um projeto social de nome "Consciência em Movimento", que oferece treinos gratuitos todas as terças e quintas-feira às 20 horas em uma escola pública, com o intuito de permitir a acessibilidade às pessoas que trabalham em horário comercial e também que não tem disponibilidade econômica. Esse grupo de capoeira tem um centro de treinamento de nome "Ganzuá", que fica localizado em uma chácara próxima ao Paranoá.

A parceria entre o Tamnoá e o Núcleo de Capoeiragem gira em torno da amizade entre as pessoas, e o vínculo se deve, em larga medida, pela participação há aproximadamente dois anos de pelo menos cinco pessoas em ambas as atividades. A

seguir vou descrever dois episódios emblemáticos que ilustram as atividades realizadas em conjunto entre as duas práticas abordadas.

A primeira apresentação conjunta entre o NCMC e o Tamnoá que presenciei foi em 2013 na festa junina do grupo de capoeira, que aconteceu na própria sede, o Ganzuá. "Arraiá da Mandinga" foi o nome atribuído à festa. Logo depois da brincadeira improvisada de quadrilha, composta pelos próprios capoeiristas e também pelos convidados da festa, ouviu-se fortes batidas de alfaia no ritmo da Marcação. Em poucos momentos se pode ver, surgindo entre as árvores, um conjunto de tambores e demais instrumentos tocando energicamente Maracatu. Os tambores chegaram na quadra e todos se posicionaram em semicírculo, respeitando a disposição tradicional entre cada instrumento. De repente, dois capoeiristas começaram um jogo de capoeira ¹²em frente ao semicírculo de tambores. Em pouco tempo se via uns batuqueiros deixando seu instrumento no chão, entrando na roda, jogando um pouco, e logo que saía retornava ao semicírculo para tocar seu instrumento. Várias pessoas participaram dessa dinâmica.

O outro exemplo diz respeito a uma oficina organizada pelo Tamnoá na sede do Núcleo de Capoeiragem. O Tamnoá ofereceu diversas oficinas ao longo do ano de 2014 e houve uma que, por consenso dos participantes e concordância da ministrante, aconteceu na sede do NCMC. Era recorrente que ao final dessas oficinas já tivesse uma fogueira acesa ao redor da qual sentavam todos para conversar sobre diversos assuntos. Poucas eram as pessoas que iam embora logo após o término da oficina. Esse convívio em um ambiente informal marcou a relação entre os integrantes do Tamnoá e do Núcleo de Capoeiragem Movimento Cultural.

Como foi explicado, a relação entre o Tamnoá e o Núcleo de Capoeiragem extrapola qualquer fronteira da formalidade, é uma parceria por meio da confiança, amizade e favores. O que foi percebido é que muitas pessoas do Núcleo de Capoeiragem se interessaram de modo que seguem ensaiando com o Tamnoá, e a partir dessa influência, várias outras pessoas que tiveram um primeiro contato com o Tamnoá também passaram a treinar capoeira. Assim que se percebe um movimento recíproco de trocas de vivências entre ambas as organizações e um interesse comum pela arte e cultura popular entre os praticantes de ambas as manifestações.

¹² nome atribuído à prática da interlocução corporal entre dois participantes pelos movimentos típicos da prática da capoeira.

CEF 01

O Centro de Ensino Fundamental 01 foi a primeira escola do Paranoá. Há alguns anos faz parte do programa "Mais Educação" promovido pela Secretaria da Educação. Esse programa prevê o atendimento por período integral dos jovens e crianças matriculados. Ou seja, além do aluno participar das atividades regulares na instituição de ensino durante um período do dia, seja matutino ou vespertino, durante o outro período esse estudante pode participar de oficinas, aulas "extracurriculares", atividades diferenciadas, ou de projetos desenvolvidos pela escola.

Pude acompanhar uma das oficinas de percussão que aconteceram no CEF 01 sob orientação da Patricia com o auxílio de Gabriela, que até então participavam ativamente do Tamnoá, e que começaram a participar do Tamnoá quando ainda eram crianças.

Foi percebido que a didática utilizada é bem semelhante à empregada nos ensaios de Maracatu, que consiste da repetição contínua de uma determinada frase rítmica, até que o aprendiz consiga encaixar seu instrumento no ritmo tocado. Quando se percebe grande dificuldade, o instrutor reproduz o ritmo pretendido nas costas do aprendiz até que com a sensação do toque físico e conhecimento prévio ele consiga reproduzir a coordenação para aquele ritmo.

Retornei ao CEF 01 para obter informações acerca do impacto percebido do trabalho em parceria com o Tamnoá no desenvolvimento dos estudantes da escola. Na ocasião, conversei com um dos coordenadores do CEF 01. O Mais Educação oferece 210 vagas no CEF 01. Essa proposta prevê atender principalmente os alunos em situação de vulnerabilidade social, seja qual for. Os alunos atendidos por período integral no CEF 01, durante o ano de 2014, podiam optar por aulas de violão, percussão, artes plásticas, artes visual, atletismo e letramento. Há também as atividades denominadas "suplementares" que são informática e biblioteca. E foi nesse âmbito do programa Mais Educação que aconteceu a oficina ministrada pela Patricia, desenvolvendo um trabalho de percussão.

Quando fui à escola pretendia buscar elementos que indicassem resultados da atividade do Tamnoá na comunidade, mas o que eu obtive por meio de entrevista é que o trabalho do Tamnoá com o CEF 01 aconteceu durante um tempo muito curto para se poder verificar algum resultado, qualquer que fosse. Contudo, já no final da entrevista, o coordenador se distanciou mentalmente como se estivesse lembrando das aulas e falou: "Mas que os alunos gostavam, isso é certo".

Centro de Atenção Psicossocial II

O Centro de Atenção Psicossocial do Paranoá, também conhecido como Caps II é uma unidade de saúde mental localizada no Hospital Regional do Paranoá que atende diversos tipos de transtornos mentais, como por exemplo, esquizofrenias, transtorno bipolar, neuroses, psicoses, paciente que apresentam comportamento suicida, etc. Lá é feito o atendimento e acompanhamento de pessoas maiores de idade que apresentam, como resultado de seus transtornos, alguma situação de prejuízo psicossocial.

No cronograma das atividades do CAPS II - Paranoá de setembro de 2014, foram confirmadas oficinas semanais de música, que teriam acontecido em parceria com o Tamnoá. Sobre a qualidade dessa parceria eu não pude questionar, pois me indicaram um procedimento que deveria ser cumprido a fim de obter autorização para realizar entrevista com qualquer funcionário da instituição, procedimento este inviável para a realização desta pesquisa considerando os prazos de resposta.

Instituto Promocional Madalena Caputo

O Instituto Promocional Madalena Caputo, mais conhecido apenas por Madalena Caputo, é uma instituição religiosa que visa atender criança em situação de risco pessoal e social, provendo a melhoria na qualidade de vida por meio de um convívio saudável e ocupações artísticas e lúdicas.

Como foi apontado no primeiro capítulo deste trabalho, o Instituto Promocional Madalena Caputo entrou na história do Tamnoá a partir da necessidade, vista por este último, de inserir o trabalho com a percussão e a cultura popular nas escolas para atingir mais crianças com a educação a partir da arte. Como vimos, esse Instituto foi bastante marcante na história do Tamnoá pois foi um "divisor de águas" para que acontecessem mudanças conjunturais em várias esferas da vida social da Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá, como por exemplo o local de ensaio, os participantes, a sede, a organização interna do grupo, etc.

Outros

Além dessas parcerias descritas anteriormente que configuram parte da história percorrida pelo Tamnoá, há também outras parcerias que acontecem no âmbito da informalidade, da amizade ou simplesmente pela paixão coletiva pelas tradições culturais brasileiras.

Nesse sentido pretendo apresentar alguns contatos e participações em parceria

com o Tamnoá que foram observados durante o trabalho de pesquisa de campo. Muitos deles serão melhor desenvolvidos no terceiro tópico deste capítulo, que elucidará os eventos durante o período de campo e também no capítulo seguinte que abordará o pré-carnaval e o carnaval de 2014 do Tamnoá.

Uma pessoa que esteve muito presente com o Tamnoá de janeiro a julho, ainda que não participe de fato das atividades rotineiras da associação, é a Alessandra, que participa em uma outra organização cultural da cidade, conhecida como "Seu Estrelo e Fuá do Terreiro". Ela contribuiu nas tocas do pré-carnaval, no carnaval e durante uma viagem a Alto Paraíso, além de contribuir na articulação de algumas apresentações, na hospedagem do grupo, além do apoio em muitas outras ações.

Outras integrantes do mesmo grupo do qual a Alessandra faz parte também tocaram durante a apresentação do Tamnoá no evento pré-carnaval que aconteceu na Casa Viva. Durante o Carnaval, o Tamnoá também contou com a contribuição de um grupo que já fez parte do Tamnoá e atualmente desenvolve um projeto de nome "Fabrica de cidadania".

Foram registradas atividades em parceria com várias pessoas e organizações, que contribuíram compartilhando com diferente tipos de conhecimento, vivências e informações por meio de oficinas articuladas pelo próprio Tamnoá. Entre essas parcerias sazonais podemos citar a Lidi de Oliveira, artista do Rio de Janeiro que veio a Brasília ministrar um oficina e que, alguns meses depois, convidou a Martinha do Coco, acompanhada por alguns percussionistas do Tamnoá, para fazerem uma apresentação no Rio de Janeiro tendo as despesas de passagem, hospedagem e alimentação garantidas pela organização do evento.

Outras duas parcerias que não podem deixar de ser mencionadas são o Elton, que ministra oficinas de danças dos Orixás, e o Pai Tadeu, que convida o Tamnoá todos os anos a se apresentarem na data de Cosme e Damião, que tem um caráter mais religioso pois é em uma casa de santo.

Devo mencionar também a participação do pernambucano Pitoco, que veio por duas vezes, atendendo o convite do Tamnoá para ministrar oficinas de maracatu para os Tamnoeiros. Não menos grandiosa foi a visita de integrantes da Nação Leão Coroado que participaram de um ensaio em conjunto com o Tamnoá.

Apresentação dos membros

Nesta seção serão apresentadas algumas das pessoas que compõem o quadro dos integrantes do Tamnoá atualmente ou que fizeram parte recentemente das atividades desenvolvidas por tal associação. Tais apresentações pretendem ser breves, mas são importantes porque situam a relação dos integrantes do Tamnoá com a cidade e também com o próprio Tamnoá a partir de suas respectivas contribuições para a organização e vivências do coletivo.

Randal

Randal Pereira tem 40 anos de idade, é fotógrafo profissional, nasceu em Brasília, com mãe são-paulina e pai cearense, e teve contato com manifestações tradicionais da cultura popular brasileira desde muito pequeno, pois seu pai trabalhou com a profissão de fotógrafo circense e viajava bastante levando o filho. Se interessou pela musicalidade desde a juventude e por muito tempo desenvolveu uma curiosidade por flautas.

O interesse pelo Maracatu veio posteriormente, por volta do ano 2000. Viu a possibilidade de desenvolver um trabalho envolvendo música e jovens, e abraçou a ideia com força. Dessa ideia surgiu uma associação de pessoas em torno da prática do Maracatu e várias amizades. Assim, com muito trabalho e perseverança fez parte da fundação do Tamnoá. Não só acompanhou, mas esteve à frente de todo o processo de desenvolvimento da associação, e hoje é reconhecido pelos demais integrantes do Tamnoá como um Mestre de Maracatu e também como o Mestre do Tamnoá.

O Randal está sempre presente nos ensaios, promove a limpeza e organização da atual sede, se responsabiliza pela manutenção e construção de novos instrumentos, articula muitos eventos e sempre se demonstra receptivo aos novos integrantes e também a novas ideias que surgem. Seu objetivo pessoal com o trabalho que vem realizando junto ao Tamnoá é “firmar a cultura popular” no Distrito Federal.

Ivonete

Ivonete Fernandes, de 38 anos, mais conhecida como Preta, tem descendência tanto materna quanto paterna nordestina, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, respectivamente. Sempre morou no Paranoá, diz ter um gosto musical voltado para ritmos afro-brasileiros e toques dos mais variados tipos de tambores. Desde que conheceu, se identificou muito com o maracatu, pois de acordo com a informante, o

maracatu traz uma tradição por meio de suas letras que envolve a preocupação com o meio ambiente, o resgate da história, a resistência de um povo, entre várias outras questões das quais ela também compartilha.

A Preta foi tesoureira do Tamnoá e teve que se distanciar das atividades desenvolvidas por motivos pessoais. Diz ter vivido experiências lindas junto ao Tamnoá, com momentos de muita alegria e também momentos difíceis e dolorosos. Essa fala reflete o envolvimento pessoal e emocional com a associação, o que foi percebido também em outros integrantes.

Gutemberg

Gutemberg Rodrigues, mais conhecido por Guto, tem de 35 anos de idade, também é natural de Brasília com descendência tanto paterna quanto materna nordestina, ambos da Bahia. Mora há 23 anos no Paranoá. Integrante do Tamnoá há 10 anos, Guto vê nas práticas culturais, inclusive no Tamnoá, uma possibilidade de ampliar o conhecimento pessoal por meio do desenvolvimento cultural interno, resultado da troca de experiências e vivências que as mais diversas manifestações culturais promovem. É uma pessoa bastante questionadora e tem a percepção de que ainda há muito trabalho a ser feito no sentido de "acordar" a população brasileira quanto à valorização da Cultura Popular.

Alex

Alex Oliveira, com 22 anos, participa do Tamnoá desde meados de 2012. Já trabalhou como percussionista em algumas peças teatrais, recorrentemente faz participação nas apresentações da Martinha do coco e também se dedica à capoeira.

Morou no Paranoá desde que nasceu. O seu primeiro contato com o Tamnoá aconteceu em uma apresentação da Martinha do coco, onde ele dançou bastante porque estava adorando a qualidade da música, e após a apresentação, a Martinha o convidou a conhecer o trabalho do Tamnoá por meio de uma visita na Casa Viva. Em pouco tempo indo aos ensaios foi convidado a chegar mais cedo para participar de outras atividades no âmbito da organização administrativa.

Apesar de todas as dificuldades decorrentes da rotina de trabalho, o que lhe dá forças para resistir é ver o resultado do trabalho empreendido, os contornos do que foi construído com o Tamnoá e as relações pessoais firmadas no convívio. A partir do envolvimento com o Tamnoá, Alex também viu a possibilidade de trabalhar a sua

religião por meio do Maracatu, e diz que hoje ele vê que é um processo indissociável, ainda que outros membros do Tamnoá tenham a percepção de que realizam um trabalho unicamente artístico.

Érica e Romão

Érica Kroon e Josivaldo Romão, mais conhecido como Romão, são um casal de pernambucanos que vieram para Brasília quando ela passou em um concurso público na região. Eles já participavam de um grupo de Maracatu em Pernambuco chamado "Estrela Brilhante de Igarassu" e com o objetivo de não se distanciarem de uma tradição com a qual já haviam se envolvido, passaram a frequentar e participar das atividades desenvolvidas pelo Tamnoá.

Em 2014 Romão já contribuía com o trabalho desenvolvido pelo Tamnoá ministrando oficinas de percussão em uma escola. E a Érica, além de auxiliar na instrução do ritmo durante os ensaios, também ministrou oficinas de confecção e toque de Agbês.

Eles não se limitaram a participar das atividades culturais em parceria com o Tamnoá e exploram a variedade cultural no âmbito da música regional que a cidade oferece. Assim, a Érica participou também de uma apresentação organizada pelo grupo do Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro. Mas a identificação com o Tamnoá e com o Paranoá foi tamanha que, entre outros motivos como o alcance econômico, foi o Paranoá que eles elegeram como local para a construção da casa própria deles.

Carlos Negão

De nome Raimundo Carlos Frazão, mais conhecido como Negão, atualmente tem 46 anos de idade, é natural do Maranhão, assim como seus parentes de primeiro grau. Começou a contribuir com o Tamnoá desde a primeira "formação", que foi abordada no primeiro capítulo deste trabalho. Desde então, passou períodos mais próximos e outros distanciado das atividades do grupo. É uma pessoa que gosta de brincar com todo mundo e consequentemente é o alvo de muitas brincadeiras também. Tem um bom convívio com todos e é ele quem anima as conversas, suscita muitas gargalhadas e sempre está presente nos momentos de sociabilidade tanto do Tamnoá quanto do grupo de capoeira.

Paty e Gaby

Patricia e Gabriela são duas moças que moram no Paranoá e começaram a ensaiar com o Tamnoá quando ainda eram crianças, por volta dos 10 anos de idade. Pararam por um tempo e depois retomaram as atividades em conjunto com a associação.

Os Capoeiristas Batuqueiros

O contingente de capoeiristas de um mesmo grupo que se dedicaram a participar com regularidade nas atividades do Tamnoá tornou-se bastante expressivo desde Janeiro de 2014. Chegam a ser até metade dos integrantes em determinados ensaios, lembrando que existe grande flexibilidade tanto da quantidade de participantes quanto de quais pessoas vão a cada ensaio.

Entre esse integrantes devemos citar o Douglas, apelido Tapioca, que começou a treinar capoeira, pelo projeto "Consciência em Movimento" do NCMC, acerca de quatro anos atrás, e passou a frequentar os ensaios e apresentações junto ao Tamnoá por meio das amizades que o inseriram neste contexto há dois anos aproximadamente. O Thiago, apelido Shrek, capoeirista pelo NCMC há aproximadamente dez anos, conheceu o Tamnoá mais ou menos na mesma época.

Outras pessoas que devem ser mencionadas são a Maria, mais conhecida por Mariazinha, artista cênica, que começou a praticar capoeira mais ou menos na mesma época que aconteceu seu envolvimento com o Tamnoá. A Artemísia, cujo apelido é Plantinha, começou a treinar capoeira há aproximadamente 2 anos e logo em seguida foi conhecendo os ensaios abertos do Maracatu. Por fim, me insiro nessa lista. Mais conhecida por Carlota Joaquina ou simplesmente Carlinha, comecei a treinar capoeira em 1999 e por meio de conversas com os “camaradas” (amigos de treino da capoeira), soube da existência de um grupo que tocava Maracatu no Paranoá. Como já tinha um fascínio pela musicalidade e pelos toques do tambor, que teve início com a minha vivência na capoeira, me interessei em conhecer o Tamnoá.

Essas apresentações são relevantes na medida que constituem, junto com os outros elementos abordados, a identidade do Tamnoá. A associação não é o resultado da soma desses e de outros participantes, mas é por meio desses que a tradição do Tamnoá vai se configurando e reconfigurando, que acontece sua organização, que seus projetos são desenhados, suas regras são mantidas ou confrontadas e sua história vai sendo firmada.

É interessante perceber que atribuí a cada pessoa seu respectivo apelido pois é assim que essas pessoas muitas vezes preferem serem chamadas, além do mais, reflete

uma identificação pessoal que soma em atributos simbólicos essa etapa de apresentação. A opção por designar o real nome dos participantes do Tamnoá se deve ao fato de que a realização dessa pesquisa foi previamente e recorrentemente anunciada, e recebida com ânimo e empolgação pelo grupo, assim que foi consentido a partir do questionamento à essas pessoas, a participação das mesmas nesse trabalho. Juntamente com o questionamento foi indicado que a apresentação de cada integrante seria abordada de forma objetiva e sucinta.

Eventos

Nesta seção constarão alguns dos eventos que aconteceram durante o período de elaboração deste trabalho com a participação do Tamnoá, ou seja Julho de 2013 até Dezembro de 2014. Caberá neste tópico a menção a alguns eventos e uma breve descrição de outros.

A descrição pretende ilustrar a atuação do Tamnoá em episódios singulares e trazer elementos pertinentes para a posterior análise sobre as relações sociais decorrentes dessa associação.

Ensaios

Os ensaios acontecem com regularidade semanal e já foram descritos no segundo capítulo deste trabalho, de modo que não me estenderei neste quesito.

Confecção do Estandarte

As reuniões para a elaboração e confecção do estandarte aconteciam na própria Casa Viva uma vez por semana. Nesse período registrei a presença de pelo menos quatro pessoas que não frequentaram os ensaios, nem antes, nem depois do carnaval, mas colaboraram para os preparativos deste.

Aconteceram por volta de quatro encontros com essa finalidade, sempre em clima descontraído. Era notável a liberdade que todos tinham para das sugestões e contribuir com ideias. Durante esses encontros ouviam-se e cantavam-se músicas, inclusive de maracatu e de capoeira. Esses encontros proporcionaram momentos de sociabilidade entre as pessoas, pois, independente da função assumida, permitia a conversa informal, a troca de ideias, brincadeiras e outros modos de se relacionar que são inapropriados durante os ensaios.

Comemoração de Martinha do Coco, mestra da cultura popular

Existe um evento, que já teve várias edições, denominado "Coco com Tapioca", no qual sempre se apresenta a Martinha do Coco. Descreverei a seguir uma edição especial desse evento, pois foi organizada para celebrar a Titulação de Mestra da Cultura Popular que a Martinha havia recebido recentemente, e assim, homenageá-la como pessoa e pelo trabalho que vem desenvolvendo junto à Cultura Popular Brasileira.

Esse evento aconteceu no dia 12/04/2014 no Paranoá. Nas primeiras horas do evento, de acordo com a programação, aconteceu uma "feira de troca" de roupas e demais objetos entre moradores da região e também convidados. Em seguida fizeram uma mostra de vídeo documental dirigido pelo Randal com a participação da Martinha e de outras pessoas da localidade, intitulado "Pedras do Paranoá".

Para finalizar o evento foi feito uma apresentação, em um palco montado, de samba de coco, com a Martinha do Coco na voz e no ganzá, além de alguns dos integrantes do Tamnoá, entre outras pessoas, na percussão. Na sequência do samba de coco a banda deu início a uma ciranda que juntou em uma mesma roda aproximadamente 90% de todas as pessoas que estavam na praça.

Apresentação Congo Nya

A Congo Nya é uma organização não governamental fundada em 2003 na cidade de São Sebastião, RA XIV de Brasília, com a proposta de realizar atividades nas áreas de educação, cultura, esportes e arte, voltadas principalmente para o público infanto-juvenil. Essa organização foi reconhecida pelo Ministério da Cultura como um Ponto de Cultura em setembro de 2009.

A apresentação do Tamnoá no Congo Nya foi parte de um evento denominado "Sarau Radical" que contou com a apresentação de várias atrações. A apresentação do Tamnoá aconteceu na própria quadra. Muitas pessoas da plateia, principalmente mulheres, dançavam empolgadas girando suas grandes saias, o que contribuiu para enfeitar o evento. Foi notado também que alguns rapazes, inspirados pelo som dos tambores, fizeram um "jogo de capoeira" bem próximo de onde tocavam os músicos, ainda dentro da quadra.

Apresentação Gran Cursos e Evento Teia

Este episódio é interessante à medida que retrata a improvisação e a amizade entre os grupos de maracatu e capoeira.

Saí de casa para uma apresentação de capoeira no Gran Cursos do SIA prevista para acontecer por volta das 14 horas, sabendo que em seguida iria para uma batucada na Funarte, no Evento Teia, com o Tamnoá, por volta das 16 horas. Chegando no Gran Cursos, vimos que estavam acontecendo mesas de debates sobre diversos assuntos e soubemos naquele momento que havíamos sido convidados para participar das mesas de debates e não somente para a apresentação, sendo que esta só aconteceria por volta das 18 horas. Algumas pessoas se desanimaram e foram embora, outros ficaram para participar, outros seguiram para o Evento Teia com o Tamnoá.

O Evento Teia é um encontro nacional dos Pontos de Cultura que tem o propósito de articular os saberes tradicionais em torno de mesas de conversa com um tema específico previamente estipulado, além da realização de apresentações de diversos tipos de manifestações culturais que promovam a divulgação da cultura popular brasileira.

Cabe ressaltar que momentos como este eram de grande importância para a realização desta pesquisa, pois é majoritariamente nesses momentos em que acontecem a convivência, a troca de informações e de ideias, as manifestações de carinho e demais formas de sociabilidade, a partir da qual traremos reflexões e extrairemos questões pertinentes à análise antropológica sobre as relações sociais decorrentes do convívio de uma mesma prática cultural.

Depois desta apresentação, o grupo seguiu de volta para o Gran Cursos. À medida que os participantes se posicionavam em semicírculo, cada um com seu respectivo instrumento, viam-se compor a formação instrumentos tanto de maracatu quanto de capoeira. Logo o berimbau fez uma chamada¹³, o atabaque começou a soar em seguida no ritmo da capoeira, e as alfaías entraram com uma forte batida. O Pandeiro e os Agbês foram os últimos a compor o ritmo. E ao som dessa bateria inusitada, teve lugar o jogo de capoeira.

Somam-se aos eventos mencionados outros tantos com a participação do Tamnoá: Oficinas de Danças dos Orixás, Leão Coroado na Casa Viva, Cosme e Damião, visita do Tamnoá à UnB, apresentação na Casa do Cantador na Ceilândia, Oficina de Coreira, Oficina com Pitoco, apresentação de Maracatu e Tambor de Crioula em “Cozinha de Preto, Rodovirarte, Coco e Maracatu no Córrego do Urubu e o lançamento do Ponto de Cultura Tamnoá, entre outros. O capítulo seguinte descreverá o

¹³ Chamada de Berimbau é o nome atribuído ao toque que dá início a qualquer outro.

evento mais esperado por qualquer grupo de Maracatu: o Carnaval.

Pré-Carnaval e Carnaval do Tamnoá 2014

Neste capítulo será abordado o evento mais esperado do ano para o Tamnoá e diversos outros grupos artísticos, tanto do Maracatu quanto de outras muitas expressões culturais brasileiras: o Carnaval. Este é o último capítulo descritivo do trabalho, portanto pretendo trazer uma narrativa rica em detalhes sobre a participação do Tamnoá no Carnaval de 2014. Para isso serão abordados os principais acontecimentos, a programação carnavalesca que teve participação do Tamnoá, alguns impasses observados e o processo coletivo de resolução dos mesmos, entre outras questões.

O carnaval do Tamnoá em 2014 teve uma característica peculiar, pois houve a oportunidade de alguns integrantes do Tamnoá irem a Recife participar das atividades carnavalescas pernambucanas. O evento aqui abordado aconteceu em duas partes: o Pré-carnaval, quando aconteceram apresentações um final de semana antes das festividades propriamente carnavalescas; e o Carnaval em si.

Pré-Carnaval do Tamnoá

Os preparativos do Tamnoá para o Carnaval de 2014 começaram com as reuniões extraordinárias para a confecção do estandarte. A primeira apresentação do Tamnoá prevista para o "Pré-Carnaval" aconteceu no sábado, dia 22 de Fevereiro, no Cruzeiro. Estavam presentes nessa apresentação 20 pessoas.

Chegando ao local todos estavam uniformizados com a blusa do Tamnoá. Os instrumentos foram descarregados da van, cada um pegou seu respectivo instrumento e fomos até uma tenda que nos protegeria da iminente ameaça de chuva. O Negão logo deu o comando com o apito de que seria dado início ao baque. Nesse dia a apresentação aconteceu em uma área aberta. Não havia mais que cinquenta pessoas para prestigiar a apresentação na proximidade do local. Ainda assim, foi uma apresentação bastante animada que durou aproximadamente 40 minutos.



(Figura 11, acervo do Tamnoá.)

O segundo dia da programação do "Pré-Carnaval" do Tamnoá aconteceu em parceria com a Casa Viva. Nesse dia estava prevista a apresentação de algumas atrações artísticas, entre elas o Maracatu Tamnoá, "Ventoinha de Canudo", "Os Bate-Bola", "Unidos da Vila Paranoá", "Bumba Boi encanto do Itapoã", "Pipa Avoada", "Maluco Voador", o cantor "Bebeto Cerqueira", o teatro de rua "Pau de Arara" com o espetáculo-cortejo "Sombras de uma Praça" e DJ's.

Para esse evento foi montado, na sala da Casa Viva, um bazar organizado por representantes da faculdade Dulcina de Moraes, onde vendiam acessórios e roupas usados, a preços bastante acessíveis. As dirigentes da Casa Viva estavam responsáveis pela organização do evento e pela venda de bebidas e comidas.



(12)



(13)



(14)

(Figura 12, Flyer de divulgação pela internet.)

(Figura 13, Estandarte Pré- Carnaval, acervo pessoal.)

(Figura 14, Bazar na Casa Viva durante o Pré-Carnaval, acervo pessoal.)

Por volta das 15 horas, havia aproximadamente 30 pessoas espalhadas pela calçada em frente a Casa Viva, no pátio externo e no interior da casa. Todos estavam vestidos com muitas cores e bastante enfeitados, muitas mulheres traziam estampas de flores nas saias e blusas e também broches de flores no cabelo, algumas pessoas estavam fantasiadas.

No início do evento um DJ tocava músicas carnavalescas e as pessoas bebiam cerveja, comiam, conversavam e passeavam pela casa. Havia no local pessoas de todas as idades, desde crianças correndo pela casa e pela rua até idosos sentados observando a movimentação. Nesse dia havia muitas pessoas que costumavam frequentar a Casa Viva, e também muitas outras que nunca tinham estado ali.

Por volta das 16 horas, era possível perceber uma movimentação nos corredores da casa e a retirada dos tambores do quartinho. À medida que os Tamnoeiros percebiam, já avisavam para os demais irem buscar os seus respectivos instrumentos, cientes de que em breve começariam a tocar.

Foi feita a reunião em formação na saída da Casa Viva, de frente para o pátio. Assim que o Dj parou a música, logo se ouviu o soar do apito seguido da "chamada" da caixa, acompanhada de fortes batidas no tambor que estremeciam o ambiente, pois eram muitos tambores com batidas “compassadas”, ou seja, ao mesmo tempo, o que intensifica a vibração sonora. O Tamnoá começou tocando no pátio da Casa Viva, e ainda na primeira loa saiu caminhando em cortejo até a rua, onde continuou tocando, em frente a casa que sediava o evento.



(15)



(16)



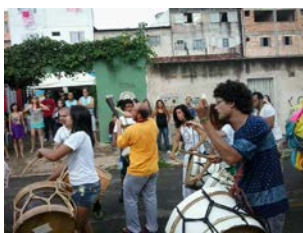
(17)

(Figura 15, retirada dos instrumentos e concentração inicial, acervo pessoal.)

(Figura 16, cortejo de saída da Casa Viva, acervo pessoal.)

(Figura 17, quarto da Casa Viva onde os instrumentos do Tamnoá eram guardados, acervo pessoal.)

Enquanto o Tamnoá tocava Maracatu, muitas pessoas dançavam energicamente. Muitas mulheres giravam fazendo rodar suas saias, as crianças brincavam e pulavam ao redor dos tambores, outros mais contidos balançavam a cabeça no ritmo do baque. As crianças aparentemente eram as que mais se divertiam, correndo e pulando por todos os lados.



(18)



(19)



(20)

(Figura 18, Pré- Carnaval na rua em frente à Casa Viva, acervo pessoal.)

(Figura 19, Pré- Carnaval na rua em frente à Casa Viva, acervo pessoal.)

(Figura 20, Pré- Carnaval na rua em frente à Casa Viva, acervo pessoal.)

Após a tocada de Maracatu, começou um som ao vivo seguido de outras atrações previstas. A festa foi finalizada às 20 horas, devido ao acordo com a Administração do Paranoá, uma vez que o evento aconteceu em local residencial. Após a finalização do evento, ainda foi percebido que muitas pessoas, principalmente integrantes do Tamnoá, permaneceram na rua conversando, bebendo e fumando. E por fim decidiram ir aproveitar uma outra festa de Pré-Carnaval que estava acontecendo em outro ponto da cidade. Ainda que não houvesse necessidade, os mesmos permaneceram juntos, seja na pista de dança, ou mais ao lado conversando, uns saíam para dar uma volta na pista e em seguida retornavam para onde estavam os demais Tamnoeiros. Por fim, retornaram todos juntos ao Paranoá.

Carnaval Tamnoá

O primeiro dia da programação do Carnaval de 2014 do Tamnoá foi em 01/03/2014. Cheguei na Casa Viva por volta das 13:50. Em seguida chegaram mais pessoas, carregamos a van com os respectivos instrumentos, buscamos garrafinhas de água para levarmos, e por fim saímos da Casa Viva às 14:20.

Depois de abastecer a van com gasolina fomos ainda até a chácara Quilombo dos Palmares buscar alguns tambores e o Gonguê, que haviam ficado lá na noite anterior quando foi comemorado o aniversário do Vila, da Carla, da Luanda e do Negão com uma animada batucada de Maracatu e samba de roda com direito a um jogo de capoeira também.

Chegamos no "Quadrado do Cruzeiro" às 15:15 e rapidamente descarregamos os tambores. Cada pessoa pegou o seu instrumento e foram distribuídos chapéus de palha pra quem quisesse se proteger do sol. Organizados em formação, todos estavam uniformizados com a blusa do Tamnoá. Começamos a tocar a partir do comando do

apito, e fomos tocando a Marcação¹⁴ em cortejo desde o estacionamento até chegarmos embaixo da lona onde muitas crianças fantasiadas brincavam com suas famílias e amigos.

Enquanto tocávamos, tinham aproximadamente 200 pessoas como público, muitas delas fantasiadas. As crianças corriam freneticamente ao redor dos tambores, via-se espuma voando por todos os lados, percebia-se um clima de alegria, festejo e euforia carnavalesca.

Depois de 5 loas, foi dado o sinal de finalização. Repousamos os tambores no chão, algumas pessoas foram beber água, outras comprar cerveja. Aproximadamente 30 minutos se passaram até que começou a reunião dos integrantes novamente, organizados em formação atrás de um outro grupo que tocava samba. Demos início a um cortejo que deu a volta no quarteirão, intercalando o ritmo tocado, entre o samba e o maracatu. Quando um finalizava, o outro já começava na sequência, e assim íamos caminhando e dançando. Muitas das pessoas que estavam no Quadrado acompanhavam o cortejo dançando, brincando, lançando ao ar espumas e confetes. Muitos olhares curiosos também nos seguiam desde às janelas dos apartamentos por onde passávamos.



(21)



(22)



(23)

(Figura 21, saída do estacionamento em direção à tenda, acervo pessoal.)

(Figura 22, apresentação Carnaval do Tamnoá - 2014, acervo pessoal.)

(Figura 23, cortejo ao redor da quadra em parceria com sambistas, acervo pessoal.)

Já quase no final do percurso começou a chover, quando a Preta gritou: "Quem está com o tambor corre!", pois a pele de couro dos tambores estraga se for molhada. Fomos então correndo até uma tenda onde todos se concentraram novamente, e ali continuou o festejo com músicas carnavalescas produzidas por um sistema de som.

Quando a chuva cessou retomamos o cortejo, intercalando o ritmo carnavalesco entre Samba e Maracatu, até o local de onde saímos. Lá o pessoal continuou tocando samba, muitas pessoas dançavam descontraídas, entre elas quase todos os Tamnoeiros.

¹⁴ nome atribuído à um Baque específico praticado pelo Tamnoá.

Até que o samba parou. Era por volta das 18 horas e a apresentação havia sido finalizada.

Em seguida, todos os participantes do Tamnoá que estiveram nessa apresentação foram chamados para lanche e descansar um pouco até a próxima apresentação, que estava prevista para acontecer na Esplanada dos Ministérios. Esse evento teve o nome de "Gran Folia", aconteceu em um palco montado em frente à Biblioteca Nacional, e foi estimado um público de aproximadamente 4 mil pessoas.

Assim que chegaram, estacionaram perto do portão de entrada dos camarins e descarregaram os tambores da van. Cada um tomou a responsabilidade de seu instrumento. No momento da chegada um funcionário da produção do evento indicou uma sala de camarim que estava reservada para o Tamnoá. Lá foi oferecido um lanche, fizeram pintura no rosto de quem ainda não havia feito, alguns integrantes saíram para fumar e após uns 40 minutos foi pedido que chamassem todos.

Quando todos estavam presentes na salinha reservada para o Tamnoá, fizeram um círculo quando o Negão falou algumas palavras de agradecimento e também motivadoras. O que eu ressalto desse discurso, antes da apresentação, é que foi dito que o mais importante de tudo é que o Tamnoá estava junto naquele momento, que independente de qualquer outra coisa, o fundamental era a amizade e a união que os levaram até ali, agradeceu a presença de todos e recomendou que se concentrassem, que fizessem o que já sabiam, para se olharem durante a apresentação, não abaixar a cabeça para tocar e fazerem o que sabem de melhor, que é se divertirem bastante. Todos rimam, uniram as mãos ao centro do círculo de pessoas e gritaram: "Tamnoá!".

Cada um pegou seu instrumento e se dirigiram ao palco. Quando todos estavam devidamente posicionados o Negão "puxou uma loa" e deu o aviso com o apito. Quando os tambores começaram a tocar, pôde-se ver a cara de surpresa do público que estava mais próximo do palco.



(24)



(25)



(26)

(Figura 24, 25 e 26, apresentação do Tamnoá no Carnaval de 2014, acervo pessoal.)

Instantaneamente o público começou a pular com agitação. Assim que uma loa era finalizada e os tambores silenciados, ouvíamos as músicas das tendas montadas para o mesmo evento que estavam próximas, até os tambores começarem a "falar"

novamente. Então não se escutava mais nada além da música produzida no palco pelo Tamnoá.

Enquanto tocávamos pude ver alguns homens visivelmente bêbados, gingando e soltando alguns golpes de capoeira ao vento. Tocamos por quase uma hora, na saída do palco nos reunimos com os respectivos instrumentos para tirar uma foto.



(Figura 27, final da apresentação do Tamnoá no Carnaval de 2014, acervo pessoal.)

Depois voltamos ao camarim, onde alguns aproveitaram para sentar, outros comiam o lanche que restava, outros saíram para fumar. Havia quem ficava brincando de inventar música e outros eram chamados a atenção, por comportamento indevido durante a apresentação.

Em seguida foram guardar os tambores na van e decidiram ficar para aproveitar a festa de carnaval por mais tempo. E ainda que, a partir desse momento, estivessem sem nenhum compromisso com o Tamnoá, todos os integrantes da apresentação se mantinham unidos dançando, bebendo e brincando uns com os outros. Por fim, às 03:00 da manhã todos concordaram em voltar ao Paranoá. Chegando lá praticamente todo mundo que foi na apresentação dormiu na Casa Viva, nos colchonetes espalhados pelo chão de uma mesma sala.

No dia seguinte cheguei na Casa Viva às 14:15 e muitos integrantes ainda se encontravam dormindo nos colchonetes espalhados pelo chão, todos estavam visivelmente cansados. Nesse dia, 02/03/2014, haveria uma apresentação no carnaval do Balaio Café. Enquanto aguardavam a preparação de todos, no pátio da Casa Viva, algumas pessoas conversavam sobre a importância e necessidade de retomar a questão ambiental pelo Tamnoá, pois a interpretação de algumas pessoas é que o Tamnoá estava bastante envolvido com a esfera cultural do maracatu, por meio das apresentações e ensaios, e em contrapartida negligenciando que o Tamnoá também tem uma vertente ambiental que não deve ser esquecida.

Em seguida, percebia-se que a casa já estava bastante movimentada, havia pessoas conversando em vários pontos da casa sobre assuntos diversos. Alguns sociabilizavam na calçada em meio a baforadas de cigarro, outras bebiam cerveja,

algumas pessoas saíam da Casa Viva para fumar maconha, e em seguida retornavam, todos conversavam e brincavam descontraídos.

Saímos da Casa Viva às 15:50 em dois carros particulares e na van do Romão. Quando chegamos ao destino, estacionamos todos os carros próximo uns dos outros, atrás do local onde apresentariam em seguida. Foi pedido para que não se dispersassem pois havia alguns informes que deveriam ser passados. Dispostos em um grande círculo, de modo que todos se viam, foi permitido que qualquer pessoa acrescentasse algum ponto, mas quem mais falou foram a Preta e o Negão. Foi recomendado que mantivessem a atenção durante a apresentação, para que não se dispersassem muito antes de apresentar para que não fosse dado início da tocada na ausência de alguém. Falaram também que cada um era responsável pelo instrumento que fosse tocar, de modo a não deixá-lo jogado nem passá-lo para outras pessoas, nem mesmo perdê-lo de vista ou deixar um instrumento separado dos demais. Foi ressaltado que a maior gratificação era estarem todos unidos, saudáveis e dispostos a se divertirem em conjunto. Foram ditas algumas palavras motivacionais e que transmitiam confiança.

Enquanto os Tamnoeiros conversavam podia-se ouvir a festa ao lado, e algumas pessoas demonstravam inquietação pois queriam ir dançar e aproveitar a festa que já estava acontecendo. Por fim foram todos "liberados" com a ressalva de que em aproximadamente 30 minutos deveriam se concentrar novamente no mesmo local para descarregar os instrumentos e se prepararem para tocar.

Na hora certa, todos se concentravam no meio da rua com seus respectivos instrumentos, junto a um pessoal que faz parte de outro grupo de percussão que também toca maracatu e que, inclusive, as pessoas que hoje tomam a frente desse grupo artístico já fizeram parte do Tamnoá tempos atrás.

Quando a apresentação que estava acontecendo em um palco montado acabou, já estávamos em formação misturando os membros de ambos os grupos artísticos de Maracatu e respeitando a disposição específica dos instrumentos. Foi dado o aviso de início pelo soar do apito, que foi seguido pela entrada das caixas e do gonguê no ritmo do maracatu, sendo seguido pelo som ensurdecador dos tambores e dos agbês.

Instantaneamente as pessoas que aguardavam com olhar curioso começaram a pular e dançar com muito ânimo. Por meio de comunicação visual e gestual, sem parar de tocar, entendemos que o Negão indicava que fôssemos da rua, onde estávamos, até a praça em frente ao palco montado, onde se dava a grande concentração das pessoas.

Os Agbês foram então abrindo caminho em meio a multidão, mas eram muitas pessoas e os tambores não conseguiram passar pelo público com a mesma facilidade que os Agbês, e conseqüentemente, foram ficando pra trás. Logo o som estava descompassado, pois cada um tentava acompanhar o ritmo e caminhar com o instrumento, sendo que as pessoas tampouco conseguiam abrir espaço pois estava muito cheio. Paramos de tocar, nos locomovemos e demos início novamente já na praça, em meio a multidão.

Foi uma apresentação muito animada pois o público estava literalmente ao nosso lado, já não havia espaço para a disposição dos tambores em formação e recorrentemente nos esbarrávamos, seja com o tambor, com a baqueta ou com o próprio corpo em quem estava mais próximo.



(28)



(29)



(30)

(Figura 28, público do Carnaval do Balaio Café de 2014, acervo pessoal.)

(Figura 29, concentração para início da tocada, acervo pessoal.)

(Figura 30, Carnaval do Tamnoá no Balaio Café - 2014, acervo pessoal.)

Estimo que essa apresentação tenha durado aproximadamente duas horas. Continuamos tocando até que todos os integrantes houvessem saído da multidão. Atrás do palco, ouvíamos os aplausos e gritos em decorrência da apresentação. Fomos guardar os instrumentos nos carros quando o Negão, bastante chateado com o comportamento de algumas pessoas, bradava que não estava certo largar o tambor no meio da apresentação para beber cerveja, ou ficar atrapalhando os demais.

Depois que guardamos os instrumentos, as pessoas que não estavam presente foram chamadas e reunimos novamente todos os Tamnoeiros no estacionamento para conversar sobre uma proposta da viagem. A proposta era de irmos a Alto Paraíso no dia seguinte pela manhã, passar uma noite lá e voltarmos no outro dia. A Preta disse que se todos concordassem em ir, o Tamnoá poderia contribuir com 100 reais para a gasolina, e cada um teria que arcar com suas despesas. Todos concordaram animados.

No dia seguinte, saímos da Casa Viva por volta das 10:00 horas. Durante o percurso as pessoas conversavam, cantavam, tocavam pandeiro, brincavam, bebiam, fumavam e conversavam abertamente sobre os desacordos em relação a situações ocorridas durante o carnaval do mesmo ano.

Chegando na cidade, fomos procurar um lugar para dormir. Nas primeiras alternativas que encontramos as pessoas necessariamente ficariam separadas, pois não havia lugar que coubessem todos os Tamnoeiros a preço acessível. Até que o Thiago se lembrou que conhecia um rapaz pela capoeira que morava sozinho na cidade, e teve a ideia de perguntar a ele se poderíamos passar uma noite na casa dele. Ele se prontificou a nos ajudar e disse que faria uma viagem pela noite e que o Thiago poderia ficar com a chave para ter acesso à casa e alojar todo o grupo.

Foi comunicada essa notícia aos demais integrantes e todos concordaram. Uma vez resolvida essa questão, sugeriram ir a uma cachoeira para aproveitar o final da tarde e tocar tambor na praça no início da noite. Todos se animaram.



(31)



(32)



(33)

(Figura 31, chegada do Tamnoá à Alto Paraíso - GO, acervo pessoal.)

(Figura 32, chegada do Tamnoá à cachoeira São Bento, acervo pessoal.)

(Figura 33, saída do Tamnoá da cachoeira São Bento, acervo pessoal.)

Em algumas horas já se ouviam muitos trovões e já estava prestes a anoitecer, assim que decidimos retornar. Chegando na cidade novamente, fomos comer um lanche em uma padaria e em seguida descemos para a praça central que fica na entrada da cidade, ao lado da avenida principal. Começamos a tocar ali mesmo e logo se viam muitas pessoas chegando na praça para apreciar o som.

Nessa apresentação poucas pessoas estavam uniformizadas e estávamos dispostos em círculo, e não em formação. Estávamos todos descontraídos, conversávamos alguma bobeira ou brincadeira entre uma loa e outra, o "clima" dessa tocada estava mais para ensaio do que para apresentação.

Tocamos por aproximadamente uma hora e meia. Nesse tempo muitas pessoas que passavam paravam para olhar, e depois seguiam seus caminhos. Outras sentavam e ficavam aproveitando a música por algum tempo. Muitas mulheres se aproximaram e passaram a dançar energeticamente ao som dos tambores. Ao final da apresentação havia aproximadamente 20 mulheres com saias longas girando entre os tambores. Para finalizar, o Negão puxou uma ciranda, com a participação de todas essas mulheres.



(34)



(35)



(36)

(Figura 34, apresentação do Tamnoá em Alto Paraíso - GO, carnaval de 2014, acervo pessoal.)

(Figura 35, público feminino interagindo com a apresentação do Tamnoá, acervo pessoal.)

(Figura 36, ciranda formada por integrantes do Tamnoá e público, acervo pessoal.)

Assim que o Tamnoá parou de tocar, algumas pessoas que estavam na praça se levantaram e foram embora, outras ficaram para conversar. De repente, uma mulher de aparentemente 40 anos pediu permissão para tocar a caixa e começou a puxar muitas cantigas carnavalescas. Alguns integrantes do Tamnoá passaram então a acompanhá-la com alguma diversidade de instrumentos, em menor quantidade que na tocada anterior de Maracatu. Ela seguiu puxando cantigas por aproximadamente 30 minutos enquanto muitas pessoas, inclusive do Tamnoá, sambavam, até que se mostrou cansada e resolveu parar.

No dia seguinte o Alex tinha articulado com um grupo de Maracatu da cidade para fazer um ensaio coletivo, junto com o Tamnoá pela manhã. Assim que os integrantes do Tamnoá acordaram, arrumaram suas coisas, guardaram tudo na van e foram tomar café da manhã. Em seguida subiram para a mesma praça onde tocaram na noite anterior.

Um rapaz do grupo da cidade chegou, conversou com os Tamnoeiros e pediu para que aguardassem um pouco. Aguardando na praça mesmo, e sem ter nada para fazer, alguns integrantes do Tamnoá começaram a brincar fazendo uma movimentação de capoeira. Logo havia seis pessoas fazendo um “jogo de compra”. Outras pessoas que passavam pela praça se aproximaram, interagiram com os Tamnoeiros jogando capoeira também, agradeceram e seguiram caminho.

Até que foram chegando pessoas do grupo de Maracatu de Alto Paraíso e trocaram a diversão das pernadas pelos instrumentos. Começaram a tocar Maracatu, cada um puxava uma loa a cada vez. Foi um ensaio bem descontraído. Havia pessoas que somente dançavam.



(37)



(38)



(39)

(Figura 37, 38 e 39 ensaio coletivo, acervo pessoal.)

Em seguida tivemos que retornar a Brasília, pois a Alessandra que estava na viagem com o grupo tinha uma apresentação com o "Seu Estrelo" marcada para o final da tarde daquele mesmo dia. Fomos direto para o local da apresentação, em Planaltina. Aproveitamos um pouco a apresentação e a festa de carnaval que estava acontecendo, em seguida retornamos ao Paranoá. Cada um foi deixado em sua respectiva casa e assim teve fim o carnaval de 2014 do Tamnoá em Brasília.

Tamnoá em Recife

As informações obtidas para este tópico foram extraídas de entrevistas com os integrantes do Tamnoá que participaram do carnaval de 2014 em Pernambuco.

Não me estenderei neste tópico porque não tenho dados de campo sobre os acontecimentos da viagem, mas posso dizer com base nas entrevistas que essa viagem foi tida como a grande realização de um sonho de muito tempo do Tamnoá. Nessa viagem foram o Randal, a Martinha, o Gutto, Romão, Érica e o Alexandre.

Lá esses representantes do Tamnoá tocaram com diferentes Nações de Maracatu e participaram de vivências consideradas muito positivas pela aquisição de conhecimento originário da fonte da “tradição” do Maracatu pernambucano.

Reflexões a partir de uma associação voluntária.

Este capítulo tem por objetivo trazer discussões e reflexões sobre o envolvimento dos moradores do Paranoá, e mais especificamente dos próprios integrantes do grupo, nas atividades realizadas pela "Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá – Tamnoá".

Para isso serão abordadas, em um primeiro momento, algumas padronizações, tanto comportamentais quanto de significações, entre os integrantes do grupo, o que configura uma certa homogeneidade adquirida ao participar de tal associação. Neste quesito, traremos à discussão a utilização de termos pertinentes à prática do Maracatu, usos e significações atribuídas a expressões próprias dos Tamnoeiros, determinados comportamentos dentro de um sistema de expectativa e antecipação, etc. Essas análises são importantes na medida que configuram uma continuidade entre os integrantes do Tamnoá. Contudo, tão importante quanto ressaltar tal padronização é abordar as divergências observadas dentro da unidade. Portanto, trabalharei em seguida alguns dos dilemas e conflitos observados durante a realização da pesquisa.

A publicação científica sobre associações voluntárias aparece de alguma maneira pulverizada em vários campos do saber, pautada por questionamentos variados em diversificadas temáticas, como por exemplo, a relação do associativismo com a democracia, sua influência na cultura cívica de uma localidade, atrelada aos movimentos sociais, etc. Menciono, a título de ilustração, os trabalhos de Lima (2014), Fontes e Eichner (2001) e Fassini, Machado e Schultz (2013).

Na antropologia especificamente, os estudos sobre associações voluntárias de ajuda mútua tendem a alcançar em especial os contextos marcados pela migração. É o caso, por exemplo, do trabalho sobre associações de migrantes em cidades africanas desenvolvidos por Little (1965). Com relação ao contexto que mais diretamente interessa ao presente trabalho, alguns estudos também podem ser encontrados. São investigações sobre associações de migrantes em Brasília, com estrutura mais ou menos formal, quase sempre tendo a cultura popular como o elemento motivador para a participação no grupo e para a criação de vínculos (ver, por exemplo, DIAS 1997).

Seguindo esta linha de investigação, este capítulo propõe esclarecer algumas consequências sociais observadas a partir do convívio entre pessoas de uma mesma região, majoritariamente, que se associam voluntariamente sob a alegação de ensaiar o

toque de Maracatu de Baque Virado. Baseada na pesquisa realizada, farei também uma reflexão sobre outros motivos pelos quais as pessoas se associam nesta organização específica.

O Universo do Tamnoá

Assim como já foi dito em capítulos anteriores, cabe retomar que o Tamnoá é uma organização artístico-cultural, que existe pela associação de pessoas que se encontram voluntariamente para ensaios de Maracatu com uma regularidade semanal. O fluxo das pessoas que entram e saem do grupo é significativo e apresenta variações específicas anuais, como por exemplo, a sazonalidade baseada no carnaval, com participação de mais pessoas aos ensaios devido à proximidade com tal data festiva. Ou seja, existe um determinado grupo de pessoas que são observadas frequentando as atividades do Tamnoá com certa regularidade, mas ainda assim a assiduidade não é constante.

Há vários elementos que circundam a rotina social do Tamnoá, como as apresentações, os ensaios, os eventos em parcerias, etc. Foram percebidos termos próprios do Maracatu e também expressões internas ao Tamnoá, padrões simbólicos aplicados a algumas situações específicas. Entre outras questões, foi observada também certa regularidade comportamental e conflitos suscitados principalmente quando o comportamento de algum membro, por algum motivo, não atendeu a lógica de antecipação, ou seja, quando as coisas não aconteceram como "deveriam" acontecer de acordo com o esperado no contexto do Tamnoá. Quero com isto destacar que há uma determinada unidade dentro da imensa variedade composta pela subjetividade inerente a cada membro que compartilha do convívio com o Tamnoá.

Como foi aludido neste trabalho, desde o primeiro capítulo, o Maracatu é repleto de termos próprios e simbologias que têm sentido dentro desse "universo" específico. Essas características particulares fazem com que os processos sociais envolvendo tal temática sejam inteligíveis principalmente, ou mais claramente, para as pessoas que compartilham, ou ao menos que tem algum nível de conhecimento, sobre tal "linguagem". Entre alguns dos termos utilizados ao longo deste trabalho que têm significado dentro do sistema cultural do Maracatu, e também do Tamnoá, podemos relembrar: baques, baque virado, loas, puxador de loas, batuque, viradas, marcação, formação, toadas, tocadas e chamada.

O que vale ressaltar nessa questão é que o Maracatu, e consequentemente o Tamnoá, tem uma linguagem própria que, para ser compreendida e assim tornar-se inteligível a quem não está inserido em tal âmbito cultural, faz necessária uma explicação cautelosa e esclarecimento prévio sobre as particularidades que permeiam esse "universo".

Além dos termos pertinentes à linguagem do Maracatu, foram percebidas também, no decorrer desta pesquisa, algumas expressões cujos significados não são óbvios para toda e qualquer pessoa que procura se aproximar do grupo.

Uma expressão bastante interessante para análise é "Baque Redondo". Baque, por si só, é um ritmo a partir do toque da alfaia. São vários os baques tocados pelo Tamnoá, cada um construindo uma "frase rítmica". Mas a expressão "Baque Redondo" me causou estranhamento na primeira vez que ouvi, pois não compreendi de imediato seu significado. Posteriormente percebi que designava uma qualidade musical. Cabe ressaltar que foram observados dois sentidos diferentes à mesma expressão durante a pesquisa de campo.

Um primeiro sentido foi observado quando, durante o ensaio, tocávamos um baque específico, que se chama "Martelo". Esse baque tem um determinado "acento", que aparenta uma "quebra" do ritmo no momento da finalização do compasso. O Randal, na tentativa de nos explicar que deveríamos acentuar mais a última batida (ou nota), alegou que o baque estava muito redondo, e não era bem assim a frase rítmica pretendida, havendo portanto um detalhe sutil que tentou nos demonstrar, fazendo ele mesmo o toque da alfaia no ritmo em questão, chamando a atenção por meio de um olhar indicativo, no momento específico do acento para facilitar nossa percepção sobre a referida "quebra" do ritmo para que não ficasse "tão redondo".

O outro sentido, aparentemente mais recorrente, pode ser percebido quando uma pessoa diz que o baque está redondo insinuando que está no ritmo adequado, pois proporciona certa harmonia e andamento musical que só quem já está amplamente habituado com o Maracatu consegue distinguir.

Outra expressão bastante recorrente, utilizada em praticamente todos os ensaios dos quais eu participei, é "não deixar a energia cair". Empregada como uma orientação para que o toque dos tambores não saiam do andamento pretendido, ou melhor, que não percam a "pulsção". É empregado como sinônimo de energia, no sentido anteriormente aludido, a palavra "axé". Assim, também foi percebido, durante alguns ensaios, o comentário de que "o axé está caindo". Isso pode acontecer quando os tocadores estão

cansados, e deixam de bater forte ou com entusiasmo no tambor, ou distraídos com alguma outra coisa.

Ademais das expressões, há também comportamentos que trazem significados específicos, que são observados dentro da rotina dos ensaios e apresentações, especificamente do Tamnoá.

Um dos comportamentos comuns aos Tamnoeiros é um vínculo, em um nível místico, com o tambor o qual se toca. Relacionado a tal questão, podemos mencionar a percepção comum aos Tamnoeiros de que a pele de um tambor, quando se rompe, muitas vezes recebe uma explicação em torno de um argumento místico, como por exemplo a energia negativa, ou simplesmente ruim, de quem tocava o tambor no momento do rompimento. Outra explicação é que o tambor supostamente foi tocado em um momento inapropriado, como foi o caso do rompimento da pele do tambor tocado pelo Randal quando participou do carnaval em Recife, quando tocou em um momento no qual todos os tambores deveriam estar silenciosos devido a orientação da tradição local.

Como foi dito anteriormente, os ensaios de Maracatu do Tamnoá são, e sempre foram, abertos. Além do mais, é explícita a orientação de que se pode ir aos ensaios quando quiser, faltar quando quiser ou precisar e chegar na hora que puder. Uma vez estando no ensaio, qualquer pessoa pode tocar qualquer instrumento, ainda que não tenha o domínio do manejo deste, e desde que não atrapalhe o andamento do ensaio, mas é inclusive sugerido que se aprenda a manipular novos instrumentos durante os ensaios. É permitido também, para qualquer pessoa, puxar uma loa, fazer uma pausa do toque de seu respectivo instrumento quando achar pertinente, auxiliar os/as colegas durante o ensaio, convidar outras pessoas para conhecer o trabalho desenvolvido, fazer uma breve brincadeira entre uma loa e outra, expressar opiniões, ideias ou anseios em momentos oportunos, e fazer-se conhecer pelos demais por meio dessa liberdade de expressão individual "autorizada" nos momentos de socialização do grupo.

Mas, em contrapartida, há várias outras orientações que são assimiladas, pouco a pouco, por meio do convívio com o grupo a partir, principalmente, da vivência na rotina dos ensaios. Entre estas podemos mencionar a regra, muitas vezes implícita, de que toda e qualquer pessoa é responsável por zelar pelo instrumento do qual escolhe fazer uso durante o ensaio ou apresentação. Assim, é responsabilidade de todos que participam das atividades desenvolvidas pelo Tamnoá colaborar com a limpeza do ambiente e manutenção dos instrumentos e materiais utilizados nas atividades de rotina.

Além dessas orientações quanto ao comportamento pretendido no âmbito social do Tamnoá, percebe-se também "códigos" específicos durante as toçadas de Maracatu. Podemos indicar nessa questão os signos emitidos pelo mestre, ou por alguém que estiver regendo o baque, que indicam a orientação do tempo de entrada do toque das caixas e também dos tambores por meio do assoar do apito em um ritmo específico.

Não são apenas permissões e orientações que regem o comportamento dos Tamnoeiros. Há também comportamentos que são reprimidos por serem julgados inapropriados pelos demais. Esses, por sua vez, não são discutidos ou debatidos abertamente, o que é outro interessante critério de análise, ou seja, são percebidos somente quando são executados e reprovados por pessoas do Tamnoá que tenham autoridade no grupo.

Nesse ponto podemos citar como exemplo a repressão sofrida por alguns Tamnoeiros, após apresentações no Carnaval de 2014, quando certas condutas não seguiram o esperado de uma "adequada" participação. As consequências da prática de um comportamento que desviou do sistema de antecipação previsto pelas pessoas que estão mais bem inseridas em tal contexto, ou seja, os mais antigos do Tamnoá, foi uma chamada de atenção em moldes de bronca.

Percebe-se então, no âmbito social do Tamnoá, a existência de um sistema de conduta, no qual existem permissões, proibições, recomendações e códigos próprios de entendimento interno. O ideal de um grupo aberto, pautado pela autogestão e pela liberdade de comportamento, articula-se a uma prática permeada por normas mais ou menos explícitas. Tal afirmação tem alguns desdobramentos. Primeiro, é a existência desses códigos de conduta que permitem a existência do grupo enquanto tal. Segundo, a imposição mais ou menos rígida de tais normas implica o surgimento de alguma hierarquia entre os membros, conforme a antiguidade da participação de cada um no grupo. Por fim, tal vigilância sobre determinados comportamentos está vinculada a um dos propósitos da associação, que remete ao trabalho social que desenvolve no acolhimento e socialização de jovens e crianças, retirando-os de situações de risco.

A totalidade desses elementos trazidos, junto com outros não mencionados, configura uma unidade passível de ser analisada, a partir da qual transparece uma identidade cultural que permite assimilar tal coletivo como um sistema particular, que admite identidade própria, tradições, organização interna, hábitos e meios próprios de lidar com os imprevistos inevitáveis, assim como de assimilar as informações de rotina.

O vínculo pelo tambor

Esse trabalho teve como proposta verificar questões decorrentes do processo de sociabilidade a partir da associação voluntária em torno de uma mesma prática artístico-cultural. A partir da realização da pesquisa, foi percebido que grande parcela dos integrantes, e absolutamente todos os informantes com quem conversei diretamente, avalia que a prática do toque de tambor, por si só, é um forte atrativo para a associação entre os mesmos. Desse modo, e principalmente pelo fato de tal organização permanecer ativa por mais de 10 anos, com encontros semanais, sem nenhum tipo de obrigatoriedade formal ou acordo prévio verbal ou escrito, pode-se aludir, com propriedade, que a prática da manifestação cultural popular brasileira por meio do ensaio continuado de Maracatu de Baque Virado é um fator agregador de pessoas neste exemplo abordado.

A justificativa para tal associação pode tanger diversos argumentos, como o prazer de tocar tambor, o interesse individual por aprender e praticar uma expressão da cultura popular brasileira, a simpatia pelo convívio proporcionado e tantos outros fatores. O que cabe ressaltar nesse momento é que o Tamnoá, com todos os atributos verificados até então, é uma organização que promove associação voluntária horizontal de pessoas envolvidas com a prática artístico-cultural.

Essa horizontalidade da associação deve, entretanto, ser percebida como relativa. Uma vez que foi percebido pelo trabalho de campo realizado que tal horizontalidade aparece tanto no discurso como é aludido na atribuição da organização do grupo conforme os moldes de autogestão e também na prática, uma vez que a cada ensaio e também em muitas apresentações existe o espaço para qualquer pessoa, independente da frequência nos ensaios ou tempo de participação no grupo, puxar uma loa, sugerir um baque, propor uma ideia ou fazer alguma crítica. Esse espaço existe tanto durante os ensaios quanto nos momentos de socialização que circundam os encontros, como por exemplo antes ou depois dos ensaios.

Em mesma medida que a horizontalidade da associação permeia a liberdade de expressão, também tange as obrigações de cada integrante, no sentido de que todos são igualmente responsáveis pela limpeza, organização e manutenção do ambiente e do material utilizado pelo Tamnoá, assim como pela confecção e afinação dos instrumentos.

Em contrapartida, no entanto, alego que deve ser percebida como relativa na medida em que é percebido também, principalmente nos momentos de apresentação,

contradições, conflitos ou polêmicas, que a antiguidade no grupo e o maior conhecimento da "tradição" do Tamnoá ou do Maracatu pernambucano aparecem como critérios de hierarquização, atribuindo assim mais validade aos argumentos de quem detenha essa autoridade baseada na tradição, o que em algumas situações torna desigual o poder de decisão ou o peso do discurso de uns em relação à outros integrantes.

Em contrapartida, foi observado também que tal associação produz, a partir do processo de sociabilidade decorrente do convívio continuado, um sentimento de pertencimento ao grupo. Trata-se de uma noção de pertencimento em vários planos sobrepostos, abarcando várias totalidades: o Tamnoá, a comunidade maior do Paranoá e o nordeste brasileiro, reproduzido na vivência dos migrantes em Brasília.

Esse processo decorrente da associação das pessoas, majoritariamente do Paranoá, pôde ser notado quando, no tópico sobre a "Martinha do Coco", foi mencionado que o grupo passou a fazer o resgate de lembranças das pessoas da comunidade, que vieram a Brasília de diferentes partes do nordeste, e passaram a compor e ensaiar outros ritmos além do Maracatu, como o samba de coco, ciranda, e outros.

Nesse sentido cabe mencionar também um trecho da entrevista com a Ivonete, onde ela alega que: "Estar junto traz cultura", aludido quando tratávamos sobre as consequências do trabalho realizado pelo Tamnoá para com a comunidade.

Assim, nota-se um movimento duplo onde a prática de uma manifestação cultural promove associação entre as pessoas de uma comunidade e, em contrapartida, essa mesma associação de pessoas permite o resgate e produção de diferentes práticas culturais, constituindo assim uma identidade cultural para o grupo.

Outro atributo que também faz menção à identidade assimilada pela organização é o próprio nome. Mais conhecido e referido simplesmente como Tamnoá, a associação tem como nome registrado em cartório o de "Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá – Tamnoá". Ainda que seja este o nome "oficial", os estandartes produzidos pela própria organização, os mesmo que são levado junto ao bloco nos carnavais e que estão constantemente pendurados na parede da sede ao longo do ano, como se fosse um troféu, ou um certificado de identificação, apresentam duas denominações diferentes em cada um. O mais antigo apresenta o nome de "Associação Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá – Tamnoá", e o mais recente apresenta "Organização Cultural e Ambiental Tambores do Paranoá – Tamnoá". Ainda que

aparentemente singela, essa observação tem sua importância na medida que nos possibilita a análise tanto da continuidade quanto da diferenciação na nomenclatura.

Quanto à continuidade do nome, cabe ressaltar a menção de igual valia da atribuição do caráter tanto cultural quanto ambiental à associação, ainda que, como vimos anteriormente, na prática percebe-se, nas ações cotidianas, atividades voltadas principalmente para o âmbito cultural, como o ensaio de maracatu e as apresentações, enquanto a esfera ambiental fica muito mais evidente no discurso sobre a retomada de ações e debates sobre a questão do que em ações coletivas, propriamente ditas, voltadas para tal preocupação.

Em medida, como vimos, isso é justificado pelo argumento de que por muito tempo houve uma demanda pela resolução de outros assuntos tidos como prioridade, como a questão de ter um local de ensaio e também um local para guardar e preservar os instrumento, o que "distraia" as ações coletivas de uma abordagem ambiental da associação. Ainda que em menor escala, foi registrada uma ação planejada e executada pelas pessoas do Tamnoá com o intuito exclusivamente ambiental, que se trata da ação de coleta de lixo de uma região natural, onde tem uma cachoeira conhecida como Boqueirão, que é frequentada pelos moradores do Paranoá, pois está localizada nas proximidades de tal Região Administrativa.



(Figura 40, Flyer do evento divulgado nas redes sociais.)

Além dessa ação, percebe-se pelo discurso dos integrantes do Tamnoá uma preocupação constante, que perpassa novos e velhos integrantes, sobre a importância de fazer a separação do lixo e reciclagem de todo material possível, inclusive pra confecção de novos instrumentos, e principalmente com a participação das crianças envolvidas nos projetos de alcance do Tamnoá.

É percebido no entanto que tal preocupação fica muito no nível das ideias, com pouca aplicabilidade na prática da organização. A preocupação ambiental demonstrada pelo Tamnoá se percebe no âmbito do discurso em um primeiro plano, e as ações coletivas voltadas para tal interesse, o da preservação ambiental, são percebidas dentro da zona de conforto da rotina comungada com a vida cultural da organização, ou seja, as ações recorrentes que refletem a preocupação ambiental tangem a prática da esfera cultural da associação, que diz respeito a separação do lixo produzido pelos integrantes quando se reúnem para ensaiar, etc.

O Tambor aparece em destaque no nome atribuído à organização, e de fato tem um significado bastante importante, e também simbólico, na prática social do grupo. Alega-se tal fato a partir da observação de que o cuidado com os tambores aparece na fala de pelo menos um integrante durante cada um dos ensaios registrados, ademais dos registro recorrente de encontros com o único intuito de confeccionar e reformar os tambores. Além do que é sempre transmitida a informação de como evitar a danificação dos tambores.

Outra questão bastante pertinente, como vimos, são todos os atributos místicos e simbólicos envolvidos na prática de tocar tambor. Nesse sentido cabe mencionar a percepção comungada entre os Tamnoeiros de que o vínculo do indivíduo com o toque do tambor não é algo ocasional ou exclusivo de quem veio a ter a oportunidade de tocar tambor ao longo de sua vida. De acordo com os Tamnoeiros, esse vínculo tem origens mais distantes e também mais profundas que atingem a todos literalmente, mas é potencializado naqueles que tem a possibilidade de praticar o toque de tambor e se permitem serem "tocados" pelo tambor.

Ainda relacionado com a relevância do tambor para a organização artística cultural cabe mencionar a logo do grupo, que é o desenho de uma alfaia.



(Figura 41, uniforme do Tamnoá, acervo pessoal.)

Dando continuidade à análise sobre o nome da organização, é de interesse antropológico refletir sobre o "por quê" do Tamnoá ter se iniciado no Paranoá. Quais características da região permitiram ou facilitaram a continuidade do trabalho desenvolvido? Ou então, qual é o diferencial do Paranoá para outras Regiões

Administrativas que possibilitou e/ou facilitou a realização das atividades de tal natureza? Como se dá o envolvimento das atividades realizadas pelo Tamnoá com a comunidade do Paranoá?

Essas e outras questões que circundam a mesma temática acompanharam todos o processo de pesquisa, desde a elaboração do projeto até a análise dos dados obtidos. Entretanto não foi possível estabelecer uma relação causal sobre as características da região com a continuidade do trabalho desenvolvido com a prática do Maracatu. O que pode-se alegar com propriedade é que os integrantes ativos do Tamnoá, durante a coleta de dados no campo, são majoritariamente moradores do Paranoá. Ainda que não em sua totalidade.

Tal fato me fez pensar mais sobre as consequências observáveis sobre o trabalho realizado no Paranoá do que atribuir alguma causa para a continuidade da prática do Tamnoá na região. Assim, tem-se que a permanência ativa do Tamnoá no Paranoá, por tantos anos consecutivos, se deve mais à participação dos próprios integrantes, ainda que haja uma rotatividade entre estes, como veremos a seguir, do que sobre qualquer característica própria da região onde o Tamnoá se situa.

Quanto à diferenciação da nomenclatura mencionada anteriormente, cabe elucidar que, ainda que haja essa flexibilidade quanto ao termo utilizado para definir o que é o Tamnoá, se é uma organização ou uma associação, na prática cotidiana observa-se sempre a referência ao termo "grupo", tanto entre os próprios Tamnoeiros, quanto nas chamadas das apresentações, quando o "mestre de cerimônias" faz o anúncio do grupo que vai começar a se apresentar.

Fluxos e redes

Assim como foi aludido anteriormente, o histórico do Tamnoá demonstra que houve, ao longo de suas atividades, uma variação das pessoas que comparecem com regularidade às atividades propostas. Gostaria de ressaltar que, além dessa rotatividade que transpareceu no histórico da organização, foi percebida também uma inconstância na presença de parte relevante dos integrantes aos ensaios.

Penso que isso se deve, em medida, pela característica assimilada pelo grupo de que os ensaios do Tamnoá são encontros abertos, sem acordo pré-estipulado ou controle de assiduidade. Isto permite ir sem o compromisso de voltar na semana seguinte. E também deixa convidativa a possibilidade de indicar amigos(as) para conhecer tal espaço de convívio e prática cultural.

A partir desse convívio voluntário e incessante alternância entre as pessoas presentes a cada ensaio, tem-se uma totalidade porosa, por onde "fluem" diversas pessoas em um trânsito constante, para dentro e para fora do grupo. Trata-se de idas e vindas de novos e já habituados integrantes do Tamnoá na rotina da organização.

A questão que julgo ser a mais interessante desse processo somente pode ser analisada a partir da premissa de que toda e cada pessoa que convive, independente do tempo de permanência, com o Tamnoá, traz consigo uma bagagem prévia de vivências, tradições e cultura. Desse modo, percebemos então uma forma de troca cultural, onde quem chega traz consigo experiências acumuladas que são somadas à vivência com a organização, seja por meio de sugestões, contribuições e novas ideias que porventura são acatadas e alteram algum aspecto da vida da associação. Assim são incorporadas outras manifestações da cultura popular, como é o caso da Martinha do Coco e da mais recente contribuição dos capoeiristas no Tamnoá.

Esse processo não acontece por casualidade, é resultado do tipo de sociabilidade encontrado no grupo, onde variadas pessoas que viveram e vivem diferentes histórias antes de se encontrarem nessa prática em comum têm a possibilidade de compartilhar elementos dessa "bagagem" prévia em vivências junto ao Tamnoá.

Isto se revela também na percepção de que o Tamnoá está inserido numa rede de associações que atuam em parceria. Tendo a cultura popular como uma temática comum, esses vários grupos compartilham atividades e, em última instância, pessoas, que circulam entre os grupos intensificando esse processo de trocas culturais.

Nesse processo, portanto, tanto a cultura popular quanto os saberes tradicionais assumem um papel de destaque, pois são os principais elementos transmitidos pelo processo de socialização observado, a partir do qual os vínculos são construídos e as informações são passadas, apropriadas e ressignificadas pelos sujeitos.

Ressalto que grande parte dos integrantes do Tamnoá, senão sua totalidade, participam de outros grupos culturais ou tem lembranças da cultura do local de origem e, junto ao Tamnoá, passam pelo processo de resgate das tradições culturais como danças, cânticos e expressões da Cultura Popular Brasileira, principalmente Nordestina.

Sendo assim, a título de elucidar melhor esse processo perceptível no grupo estudado, cabe realizar uma analogia que ilustra a circulação da cultura popular por meio do Tamnoá. Assimilemos, portanto, o Tamnoá como sendo uma rede, onde os "nós" dos fios entrelaçados seriam os sujeitos, e os fios (cabe salientar o plural) de

ligação entre os nós seriam as transmissões das expressões culturais e os saberes não formais entre os sujeitos por meio desse grupo, conformando a rede total.

Assim, tal grupo com vários sujeitos, onde cada um é "transmissor" de uma ou mais informações da Cultura Popular Brasileira, uma vez em contato com outros sujeitos, em mesma condição, em um ambiente em comum, e também realizando uma atividade favorável para a transmissão desses saberes, constitui um interessante fenômeno de transmissão e resgate de elementos culturais populares típicos do Brasil. Ou seja, as pessoas que estão em convívio pela prática do Tamnoá transitam por meio de diferentes experiências e percepções culturais por meio da relação do grupo com outras associações, formando uma rede maior e mais complexa de cultura popular.

Mas não é só a transmissão da cultura popular e dos saberes não formais que procedem do processo de socialização observado a partir da associação das pessoas no âmbito em questão. Analisarei a seguir outro aspecto importante das relações sociais desenvolvidas no Tamnoá: a amizade.

Entre amigos

A amizade decorre do envolvimento emocional de pessoas que, por motivos diversos, vivenciam afinidades e normalmente situações de confiança recíproca. É possível observar a presença desse processo na unidade de análise dessa pesquisa pois foi observado que o envolvimento entre os integrantes do Tamnoá muitas vezes perpassa o ambiente da associação.

As atividades desenvolvidas no Tamnoá configuram situações propícias à conversa descontraída, onde o simples estar junto é mais relevante do que, por exemplo, o conteúdo das conversas. São relações de trocas afetivas que, inclusive, vão além da esfera dos eventos propriamente organizados pela associação.

Com o intuito de enriquecer esse argumento por meio de exemplos, cabe mencionar: a comemoração coletiva de aniversário abordada anteriormente, quando grande parte dos integrantes do Tamnoá se fizeram presente e inclusive tocaram maracatu; entre tantas outras comemorações de aniversários dos Tamnoeiros comemoradas junto com demais integrantes do Tamnoá que não foram registradas como diários de campo, o registro de que muitas vezes após ensaios e apresentações os Tamnoeiros combinavam de sair para se divertirem em um bar ou outro evento qualquer que estivesse acontecendo na cidade; as ocasiões de saídas "extra tocadas" em que todos

foram juntos na van do Romão e deixados em suas respectivas casas após o regresso da diversão.

Ademais desses elementos que indicam a o caráter agradável do estar junto entre os Tamnoeiros, característica esta do processo de amizade, cabe salientar também, assim como já foi registrado no capítulo 04, que após a realização das apresentações marcadas, as pessoas que haviam participado da mesma permaneciam juntas curtindo o evento mesmo sem nenhum compromisso estipulado. Além dos elementos trazidos que indicam o "estar junto por vontade" ainda que sem vínculo necessário com o compromisso de cada um pela participação no Tamnoá, ou com o toque do tambor, há outro elemento presente no convívio entre os Tamnoeiros, que expressa um vínculo emotivo pessoalizado. Trataremos agora do humor presente nas relações entre os membros do Tamnoá e a implicação deste na vida social da organização.

O humor aparece com recorrência na vida social do Tamnoá, que implica uma relação com determinado grau de intimidade, muitas vezes relacionado com a própria amizade. O humor aparece principalmente nos momentos de sociabilidade, quando os Tamnoeiros já estão reunidos, mas nos momentos antes e após os ensaios propriamente ditos. Aparece também nas conversas em torno da fogueira, e nos transportes coletivos.

Quanto aos elementos suscitados na sociabilidade entre os Tamnoeiros por meio da observação participante, cabe mencionar duas disposições quase antagônicas decorrentes do convívio íntimo. Ou as pessoas brincam e se divertem fazendo o uso recorrente do humor, muitas vezes às custas de outrem, ou expressam desgostos e opiniões divergentes sobre alguma situação conflituosa.

A maiorias dos conflitos recentes expressos nas relações sociais do Tamnoá são a respeito da percepção sobre uma falta de transparência e de comunicação nos processos de decisão tomados, sobre o descumprimento de acordos orais estabelecidos entre as parcerias, falta do suporte mínimo de transporte e alimentação em muitas apresentações, divergência entre o comportamento esperado por uns e tido por outros em apresentações. Outro elemento registrado como conflituoso tange a preocupação dos integrantes quanto à falta de comunicação adequada entre os membros da diretoria e os demais. Inclusive, foram observadas ferrenhas críticas ao fato de haver reuniões exclusivas para os integrantes da diretoria sem nenhum repasse ao menos sobre a pauta ou resultados da reunião aos demais integrantes, fato este que expressa o caráter associativo e participativo dos Tamnoeiros em geral no que diz respeito a questões internas ao grupo.

Há também conflitos observados que foram suscitados a partir da má comunicação entre os próprios integrantes, independente da atribuição de diretoria, e principalmente sobre divergências de opiniões e posicionamentos acerca de questões tidas como polêmicas, como a proibição do consumo de maconha em determinados ambientes. As formas de investimento dos recursos públicos obtidos pelo grupo junto ao governo local conformam igualmente um campo particularmente propício para o estabelecimento de tensão nas relações.

O intuito com a escrita deste capítulo foi de problematizar algumas questões suscitadas a partir da análise do material coletado durante a pesquisa de campo. Procurei especialmente trabalhar a relação entre os discursos e a prática viva da associação. Busquei também trabalhar algumas oposições de "lógicas operantes" internas à associação, abordando tanto a homogeneidade que faz o Tamnoá tomar forma de um grupo, com normas comportamentais (ainda que implícitas) e assimilações simbólicas comuns, e as heterogeneidades presentes no grupo, muitas vezes expressas por meio de conflitos que foram mencionados com imparcialidade de modo a não prejudicar o critério científico e também com zeloso cuidado para não expor os interlocutores deste trabalho.

Conclusões

Este trabalho teve como proposta verificar questões decorrentes das atividades de sociabilidade realizadas a partir de uma associação voluntária de cunho artístico-cultural (o Tamnoá) cuja finalidade é o ensino do Maracatu de Baque Virado por meio de ensaios abertos e regulares no Paranoá.

Este trabalho contou com dois tipos diferentes de coletas de dados para posterior análise e elaboração das abstrações antropológicas. Foram registradas as observações próprias, sobre as diversas situações, os comportamentos admitidos, inibidos e avaliados, os conflitos suscitados, as resoluções propostas, as alternativas acionadas, os sistemas sociais que operam a partir de lógicas próprias, etc; e também foram registradas com fiel compromisso as informações obtidas a partir das narrativas dos interlocutores, tanto por meio de entrevistas quanto por meio de conversas informais durante momentos de socialização. Esse procedimento duplo que acompanhou todo o período de coleta de dados teve fundamental importância na medida em que possibilitou uma análise comparativa e bem articulada sobre a realidade observada e o discurso admitido pela associação. Sendo que ambas as produções tiveram contribuições relevantes para a elaboração da etnografia apresentada.

Foi percebido, no caso estudado, que o processo de socialização decorrente do convívio continuado com a prática de uma manifestação cultural por meio de uma mesma associação voluntária promove, entre os integrantes, o compartilhamento de linguagem, maneiras de se expressar e também de significar situações específicas. Tais elementos, em conjunto, suscitam nas pessoas envolvidas um sentimento de pertencimento por meio do reconhecimento de uma identidade cultural particular.

Desse modo, foi percebido como resultado do trabalho desenvolvido pelo Tamnoá que a prática cultural decorrente de encontros continuados, promovendo o convívio entre uma mesma esfera de pessoas, apesar da característica sobre a assiduidade aludida anteriormente, gera determinado nível de vínculo entre os integrantes do grupo que extrapola o envolvimento formal com o Tamnoá. As pessoas passam a se relacionar fora das fronteiras propostas pelos ensaios. Este "fora" diz respeito tanto às limitações geográficas e temporais quanto ao necessário envolvimento social, pois foi percebido que recorrentemente o Tamnoá promove, além dos ensaios e ensino de Maracatu, a amizade, parceria, laços de confiança e afetivos entre seus integrantes.

O Tamnoá se percebe responsável pela inclusão musical das pessoas, partindo da premissa de que o vínculo de cada um com a música acontece em um nível mais profundo que o da habilidade ou prática individual. Ademais desse critério reconhecido pela associação, percebo também que há um processo de inclusão social decorrente da rotina admitida pelo Tamnoá. Essa afirmação se faz inteligível a partir da percepção de que, no grupo, o comportamento esperado é igual para todos os integrantes, tanto sobre as permissões quanto sobre as obrigações. Esse critério independe de sexo, idade, classe social, tempo de permanência no grupo, etc.

Desse modo, não foi percebida durante a realização da pesquisa uma diferenciação explícita dos papéis sociais inerentes ao grupo. A legitimidade do discurso, entretanto, apresenta inclinações principalmente em momentos de controvérsias, conflitos, ou quando em meio a situações polêmicas. Como por exemplo quando há questionamentos sobre a letra de uma loa, sobre a divergência quanto ao emprego do dinheiro arrecadado em eventos, ou sobre a possibilidade ou não de fumar maconha em ambientes compartilhados, ainda que abertos, etc. Nessas e em outras situações semelhantemente conflituosas percebe-se uma abordagem mais autoritária sustentada sobre os pilares da “tradição”. Seja por referência à tradição de origem Pernambucana, ou intimidade com a tradição do próprio Tamnoá.

Cabe ressaltar nesse momento que a característica de que, desde o início, o Tamnoá funcionou por meio de ensaios regulares, semanais, abertos e por muito tempo em espaços públicos teve fundamentais implicações para o entendimento de posteriores processos que acompanharam o histórico da organização, como a inconstância das pessoas em ensaios consecutivos, ainda que se perceba a constituição de turmas específicas constituídas por pessoas que frequentemente estão presentes na rotina da associação.

Assim, esse ambiente acolhedor e receptível às diversidades subjetivas promove uma ampliação da rede de sociabilidade e de alcance cultural trabalhado pelo Tamnoá. Isto permite o incremento de diferentes práticas culturais e consequentemente a abertura de novas possibilidades. Não menos relevante é a questão de que o Tamnoá trabalha a promoção e o resgate de manifestações culturais típicas da tradição nordestina do Brasil. Esta prática promove a construção de um referencial de identidade associado às manifestações que em grande medida fazem parte do processo histórico e de origem de muitos dos integrantes do Tamnoá. Assim, permite o processo de identificação ou reidentificação com a cultura de origem familiar, de primeiro, segundo ou até terceiro

grau, e a valorização de referências que são subjulgadas por tantas outras vertentes da vida social, como a matriz africana, a questão da negritude e da própria valorização da cultura nordestina que é tão rica em sua qualidade e diversidade.

Vale destacar que na realização desta pesquisa optei pela inclusão dos conflitos observados ao longo do período designado para tal. Com a percepção de que isso não compromete, muito pelo contrário, enriquece a proposta de análise, procurei problematizar questões, incluir na narrativa oposições de lógicas observadas e trabalhei a análise de distanciamentos entre os discursos admitidos e a prática observada.

Não pretendo, entretanto, generalizar os processos observados a partir da inserção no grupo Tamnoá a todos os outros grupos que promovam manifestações culturais por meio de associações voluntárias, cabendo um estudo detalhado sobre cada peculiaridade a fim de identificar processos específicos a cada grupo artístico-cultural.

Bibliografia

- DIAS, Juliana Braz. Devotos e Conterrâneos_ Migração e reestruturação de identidade da associação Cassa do Maranhão. 1997, 52 p. **Dissertação (Graduação em Antropologia)** _ Universidade de Brasília, Brasília.
- ELIOT, T. S. Notas para uma definição de cultura. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FASSINI, Edi; MACHADO, Neli Galarce; SCHULTZ, Glauco. Identidade e pertencimento: a dinâmica social de um grupo de mulheres no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. Cad.Pagu, no.41, Campinas, July/Dec. 2013.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Artmed, 2007. (p. 13- 38, 50-58, 265-306, 341-355).
- FONTES, Breno Augusto Souto-Maior e EICHNER, Klaus. Sobre a estruturação de redes sociais em associações voluntárias: estudo empírico de organizações não-governamentais da cidade do Recife. Soc. estado. vol.16, no.1-2, Brasília, June./Dec. 2001
- FONTES, Breno Augusto Souto-Maior. Sobre a sustentabilidade das associações voluntárias em uma comunidade de baixa renda. Temposoc. Vol.15, no.1, São Paulo, Apr. 2003.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do Discurso_ Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GEERTZ, Clifford. O saber Local. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. (p.33-56, 85-181)
- GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GOHN, Maria da Glória. Novas teorias dos Movimentos Sociais. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. "As nações de Maracatu e os grupos Percussivos: as fronteiras identitárias", Salvador, Afor-Ásia, no.49, Jan./June. 2014.
- LITTLE, Kenneth. West African Urbanization: A Study of Voluntary Associations in Social Change. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- MAIR, Lucy. Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. (p. 09 - 57, 169-183).
- MELLO, Luiz Gonzaga. Antropologia Cultural_ Iniciação, Teoria e Temas. Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2011. (11-197)

OLIVEIRA, Deborah Dornellas Coelho Duarte de. O Maracatu e seus lugares_ Cultura, Socialidade e Configurações Midiáticas do Maracatu Nação (anos 90 - 2001). 2001. Dissertação (Mestrado - Instituto de Ciências Humanas) _ Departamento de História, Fundação Universidade de Brasília, Brasília.

REAL, Katarina. O Folclore no Carnaval do Recife. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

REZENDE, Claudia Barcellos e Coelho, Maria Claudia. Antropologia das Emoções. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2010

RIBEIRO, Gustavo Lins. Acampamento de Grande Projeto, uma forma de imobilização da força de trabalho pela moradia. Série Antropologia (Brasília, Online), Vol. 84, p.84, 1989.

SANTOS, Climério de Oliveira e RESENDE, Tarcísio Soares. BatuqueBook_ Maracatu Baque Virado e Baque Solto. Recife: Ed. do Autor, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.